

aiahona

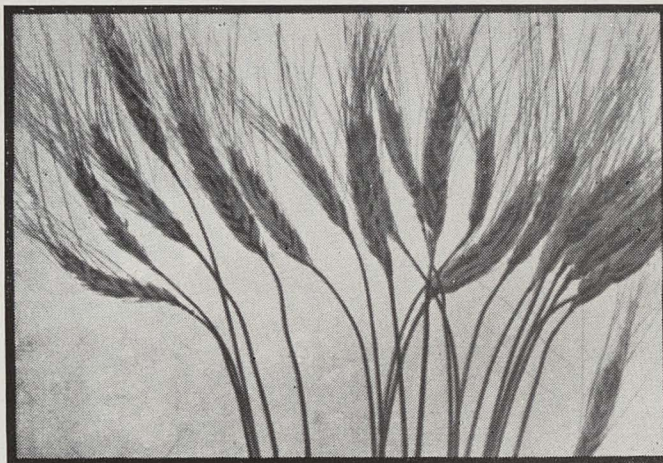
DEZEMBRO DE 1964

STEREO



O PAI NOSSO

CÔRO DO TABERNÁCULO MORMON, Dr. Richard P. Condie, *Diretor*
 THE PHILADELPHIA ORCHESTRA - EUGENE ORMANDY, *Regente*
 Alexander Schreiner e Frank W. Asper, *Organistas*



Pai Nosso (*The Lord's Prayer*)
 Vinde, oh Santos! (*Come, come ye Saints*)
 Bem-aventurados os que choram (*Blessed are they that mourn*)
 Oh, meu Pai! (*O, my Father*)
 Da Côte Celeste (*How great the wisdom and the love*)
 Sanctus, Sanctus, Sanctus (*Holy, Holy, Holy*)
 Salmo 148 (*148th Psalm*)
 Eis um menino nos nasceu (*For unto us a Child is born*)
 As lamentações de Davi (*David's Lamentations*)
 Londonderry Air



Vencendo com Jesus (*Battle Hymn of the Republic*)

● Robertson: *Pai Nosso (The Lord's Prayer)*
 Num arranjo relativamente novo, o Côro interpreta esta apreciada e conhecida elocução cristã tal como se encontra na parte final do *Oratório do Livro dos Mormons*, de Leroy J. Robertson. A cena é o Continente Americano, onde Cristo ressuscitado aparece entre as suas "outras ovelhas" e lhes ensina o mesmo evangelho que transmitiu aos judeus, inclusive esta sublime oração. A música tem marcadas conexões com o passado mais em sua acentuação de duração do que na sua acentuação dinâmica, e em suas linhas melódicas que diferem das do Canto Gregoriano. A sinceridade do estilo é típica de Leroy J. Robertson, natural de Utah, cuja posição como compositor genuinamente americano começa a ser reconhecida, tanto na América do Norte como em outros países. Estudioso de Chadwick, Leichtentritt e Bloch, o dr. Robertson revela em sua música uma linguagem que provém principalmente das montanhas e campinas do oeste e dos seus profundos sentimentos sobre família e religião.

● Billings: *As Lamentações de Davi (David's Lamentations)*
 Tanto quanto sabemos, William Billings (1746-1800) foi o primeiro compositor nascido na América a fazer da música profissão. Era antes curtidor, porém sua insatisfação diante da monotonia dos salmos usados pela igreja na época levaram-no a trocar o couro pelas pautas musicais. Se bem que grande parte das suas composições fosse vigorosa (inclusive *Chester*, um hino cantado pelas tropas americanas durante a Guerra de Independência), ele nos deixou nesta peça uma expressão profundamente comovente do pesar de Davi pela morte do filho, Absalão. O arranjo de Elie Siegmeister é singelo, respeitando a simplicidade da melodia.

● Londonderry Air: (*Arr. de Ralph Baldwin*)
 Uma das coisas que atraíram a atenção do artista romântico do século XIX, ao examinar a vida através de lentes cor-de-rosa, foi o folclore de seu próprio país. Por qualquer razão, ele sentiu que a alma da nação estava toda inteira na canção anônima do povo. Não poderíamos citar maior justificativa para este interesse do que "Londonderry Air" — trabalho de muitos camponeses, cada qual tendo contribuído com uma pequena alteração na melodia. O resultado é uma canção que tem sido descrita como "a melodia perfeita" — motivo de inveja para muitos dos mais talentosos compositores citadinos. Tal como é cantada neste disco, no tom de mi-bemol, o contorno melódico sobe três vezes para a tonalidade de dó. Passa, então, para o tom de mi-bemol e finalmente, justamente quando os entendidos diriam que se iria atingir o ponto culminante, estes afáveis camponeses elevam intuitivamente a melodia até atingir a nota sol.

● Gounod: *Sanctus, Sanctus, Sanctus (Holy, Holy, Holy) (Sanctus, da Missa Solene)*
 A voz de Richard Storrs abre esta linda e inspirada parte da Missa de Santa Cecília. Esta composição, um dos fragmentos universalmente mais apreciados da Liturgia Católica-Romana, revela as características francesas de pureza e sentimento religioso graciosamente apuradas, tão evidentes nas obras de Saint-Saëns e Massenet tanto quanto nas de Gounod.

● McIntyre: *Da Côte Celeste (How Great the Wisdom and the Love)*
 Outro hino de Eliza R. Snow, musicado por Thomas McIntyre, canta a gratidão pelas intenções e motivos que levaram o Salvador a ser "um sacrifício sem pecado pela culpa."

● Holst: *Salmo 148 (148th Psalm)*
 Em contraste com o gracioso sentimento do francês Gounod ergue-se esta rude, porém majestosa manifestação do inglês Gustav Holst. Baseado na melodia do Salmério Genebrés (1543) de L. Bourgeois e numa versão em versos do Salmo por Joseph Bryan (1620), a obra começa com o côro em oitavas vigorosas. A seguir o órgão toma conta da melodia enquanto se ouve uma delicada exposição de terças paralelas em forma de acompanhamento coral. Logo o puro timbre das vozes femininas neutraliza as masculinas, após o que é levada a um final contrapontístico que bem poderia provir do autor de "A Arte da Fuga". Os baixos entram em cena em tons tranquilizadores com a melodia do hino num crescendo e modulada ritmicamente de forma a ser ouvida como tempo duplo. Sobre isto as outras vozes ondulam um contraponto no compasso ternário original, todas as partes construindo um glorioso "Alleluia" que requer dos sopranos um si-bemol alto.

● Gates: *Oh, Meu Pai! (O, My Father)*
 Não foi por coincidência que Eliza R. Snow, que possuía profundo conhecimento dos ensinamentos do Profeta Joseph Smith, escreveu os versos para um dos cânticos mais doutrinariamente significativos do hinário mórmon. Cantado com a música de uma melodia de James McGranahan, o texto exprime a profunda saudade de um espírito separado, pelo nascimento, do seu celestial ambiente, e seu constante desejo de reaver a presença do Pai e Mãe Celestiais. O arranjo do dr. Crawford Gates (aluno de Howard Hanson e Leroy Robertson) reflete o interesse deste jovem e talentoso compositor pelo colorido orquestral e coral, como se sente na trompa *obbligato* no segundo verso, que soa nostalgicamente junto as vozes masculinas quando estas cantam a alienação das almas a um mundo anterior.

● Willousky: *Vencendo com Jesus (Battle Hymn of the Republic)*
 De uma experiência estética com as flores de macieira de Londonderry, passamos para uma combativa versão do Segundo Advento como oferta final nesta coleção de música sacra nas suas mais diversas formas. Ao preparar o arranjo desta música, Peter J. Willousky transmitiu às palavras tradicionais de Julia Ward Howe uma apresentação orquestral-coral que nos traz simultaneamente à lembrança os sons de batalha e o esvoacar de anjos. O ritmo acelera-se, é temporariamente interrompido por uma secção pastoral na qual o côro masculino contempla "a beleza dos lírios", e, depois, parte para uma exclamação final de "Glória! Alleluia! Amén!"

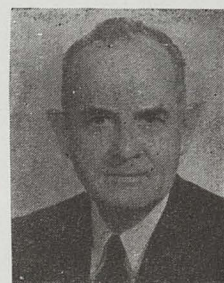
"CBS" Marcas Registradas - Indústria Brasileira

Notas de JAY WELCH
 Diretor-Assistente do Côro do Tabernáculo

Gravado nos E.E. U.U. por Columbia Records, uma divisão da Columbia Broadcasting System, Inc.



Jóias do Pensamento



O SENHOR ESTA
NO LEME

Retrato do Homem da Galiléia	7
Quem tocou Minhas vestes?	11
Natal e o Espírito de Cristo	12
O primeiro Natal trouxe o dom da boa vontade	14
Deus nos fala com amor	22
Jóias do pensamento	3
Editorial	4
Jesus, o Cristo	15
Sacerdócio nas missões	20
Juventude da promessa	23
Poesia	31

a liahona

DEZEMBRO DE 1964
VOL. XVIII — N.º 12

Órgão Oficial das Missões Brasileiras da
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editôres

C. Elmo Turner
Wayne M. Beck

Redatora

Diva Ferreira

Fotógrafo

Bruce LeRoy Christensen

Tradutoras

Laís Manzotti
Terezinha Cristina Costa

Circulação

Maria Tereza Covacs

PREÇOS:

Exterior: ANO US\$ 4.00
No Brasil: ANO ... Cr\$ 500,00
Exemplar: Cr\$ 50,00

Dezembro de 1964

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro 215,
C. P. 862, S. Paulo, SP, fone:
80-4638.

Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778,
Curitiba, PR, fone: 4-8016

Os artigos desta edição foram tra-
duzidos de The Improvement Era e
The Instructor.

Registrado sob N.º 93 do Livro B,
N.º 1 e Matrículas de Oficinas Imp-
pressoras Jornais e Periódicos, con-
forme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.
Composto e impresso na Edit. Gráf.
Rossolillo Ltda. - R. Rui Barbosa, 333,
S. Paulo.

Excertos de uma alocução do Elder
Spencer W. Kimball, do Conselho dos
Doze, na Conferência Geral, semi-anual,
realizada em abril de 1951.

Em diversos locais, Paulo nos advertiu
contra os enganadores que viriam mes-
mo antes de sua partida. E eles têm
continuado a aparecer, estando entre
nós hoje em dia. As autoridades que
o Senhor colocou em sua Igreja consti-
tuem, para seu povo, um ancoradouro
ou um lugar de refúgio. Ninguém nesta
Igreja será jamais extraviado se se pren-
der às Autoridades que o Senhor colo-
cou sobre ela. Nossa Igreja jamais se
desviará e o Quorum dos Doze nunca
os conduzirá por caminhos ímpios;
nunca o fez, nem o fará.

Alguns indivíduos poderiam falhar,
mas nunca acontecerá que a maioria
do Conselho dos Doze esteja do lado
errado, em qualquer ocasião. O Senhor
os escolheu, e lhes tem dado respon-
sabilidades específicas. Todas as pessoas
que se juntarem a eles estarão em se-
gurança. E, por outro lado, quando
alguém começa a seguir seu próprio
caminho em oposição à autoridade,
está em sério perigo.

Eu não diria que os líderes que o
Senhor escolheu são, necessariamente,
os mais inteligentes, ou os mais trei-
nados, mas são os escolhidos, e assim
sendo, são a autoridade reconhecida do
Senhor. As pessoas que permanecem a
seu lado estão em segurança.

Lembro-me de que quando Moisés foi
incumbido da tremenda responsabilidade
de conduzir os filhos de Israel para fora
do cativeiro, queixou-se ao Senhor di-
zendo: "Eu sou fraco e sou pesado de
bôca", e o Senhor lhe deu uma voz, o
seu irmão Aarão. Entretanto, não o
substituiu por aquela voz."

O Senhor está no leme... Ele con-
tinuará a estar ali, e sua obra irá
avante. A questão é pois, se nós indi-
vidualmente seguiremos ou não naquela
mesma direção. A escolha é nossa,
porque este é um Evangelho de trabalho
individual.



EDITORIAL

PRESIDENTE DAVID O. MCKAY

DA PAZ E DO NATAL

Uma vez mais cada um de nós tem o privilégio de viver na época em que o mundo recorda as hostes celestiais louvando a Deus e dizendo — “Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.” (Lucas 2:14)

Adoramos a Jesus, o Cristo! E isto porque queremos desenvolver nossas qualidades espirituais e não somente porque Ele é o Grande Mestre, o Filho do Homem, o Infante de Belém, e a única influência que orienta os homens mais que quaisquer outras influências reunidas, mas também porque é nosso Senhor e Salvador.

Um dos grandes princípios ligados ao Salvador é a paz. Disse Ele no Sermão da Montanha: “Bem-aventurados os pacificadores: porque serão chamados filhos de Deus.” (Mat. 5:9) Quanto às passagens decisivas de sua vida, disse Ele aos Seus discípulos: “Tenho-vos dito isso, para que em Mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo.” (João 16:33) Nessa mesma ocasião, disse: “Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.” (Ibid., 14:27)

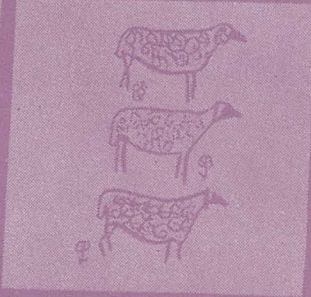
Por toda Sua vida, a paz estava em Seus lábios e em Seu coração. Qual a paz que Ele possuía? A paz que exime as preocupações individuais, as contendas familiares, as dificuldades nacionais. A paz que é ensinada pelo Salvador refere-se tanto aos indivíduos como às comunidades. O homem que não está em paz é aquele que é desleal para com os conselhos de Cristo, aos estímulos de sua consciência. Sei que os psicologistas dizem que a consciência não é um guia seguro, mas é o melhor que uma pessoa tem. Um homem não pode viver em paz se é desleal ao melhor de seu íntimo, se transgredir a lei de retidão, tanto para consigo mesmo, permitindo paixões ou apetites, cedendo às tentações da carne, quanto se é desleal à confiança que lhe depositam transgredindo a lei da retidão ao tratar com seu próximo.


A paz não chega ao transgressor da lei. A paz vem através de obediência à lei, e é esta a mensagem que Jesus gostaria que estabelecêssemos entre os homens, que proclamássemos ao mundo — paz ao indivíduo, para que esteja em paz com seu Deus; em perfeita harmonia entre si mesmo e a lei, leis de retidão às quais está sujeito, e das quais nunca poderá escapar; paz no lar; famílias livres de contendas; tentando estar isentos de preferências ciumentas, aspirações e ambições que chegam ao lar e implantam discórdia e descontentamento; paz na família entre mãe e pai, pai e filhos, mãe e filhos, marido e mulher — êsse é o Evangelho proclamado pelo Homem cujo nascimento celebramos êste mês.

Jesus veio estabelecer fraternidade entre os homens; não conhecia nacionalidades; tampouco era parcial. Abençoava os desamparados no tanque de Betesda; até mesmo à mulher que fôra apanhada em pecado, a quem os homens que se diziam retos iam apedrejar, disse que fôsse embora e “não pecasse mais”. Não só os pobres e desamparados, mas os ricos também partilharam de sua irmandade. Ao próspero, mas desprezado publicano Zaqueu, que subiu na árvore para que pudesse ver adiante da multidão quando Jesus e os Doze iam chegando, disse: “Zaqueu, ... desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa...” (Lucas 19:5) Não sabemos o que aconteceu naquela casa, sôbre o que conversaram, mas sabemos que o coração de Zaqueu foi tocado, e êle disse: “Senhor, eis que eu dou aos pobres metade de meus bens; e se nalguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado.” (Ibid. 19:9)

Deus vos abençõe durante estas Festas de Natal, e ao mundo inteiro. Possa haver paz nos corações dos irmãos do mundo todo. Possa o verdadeiro espírito da irmandade guiar-vos a todos para sempre.

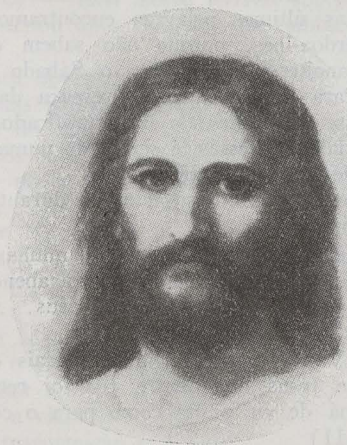
Um Natal Alegre permaneça com todos vós, e um Feliz Ano cheio de sucesso vos aguarde, é minha humilde oração.





Retrato do Homem da Galiléia

WILLIAM J. CRITCHLOW JR.
Assistente do Conselho dos Doze



Cumprindo uma designação para fazer um discurso, retrocedi dentro do tempo através de uns desenove séculos, até à Palestina, em busca do Homem da Galiléia, chamado Jesus. Supus que me encontrava na fabulosa cidade de Tibério, nas praias do Mar da Galiléia, em cujo contôrno pude admirar milhares de palácios e residências elegantes, circundadas por vinhedos, palmeiras e ricos jardins, vibrantes de luxúria tropical.

Numa artéria quase deserta, surpreendi-me apreciando as tendas dos ricos mercadores e as especiarias expostas pelos negociantes orientais.

Abordando um mercador, inqueri se conhecia o paradeiro do Homem da Galiléia, chamado Jesus. Por um momento êle apenas me fitou com espanto; depois disse: "De onde vens? Olha para estas ruas desertas. Há apenas alguns minutos Êle passou por aqui dirigindo-Se para oeste, e todos os fregueses O seguiram. Eu tam-

bém teria ido após Ele se tivesse com quem deixar minha mercadoria.”

Alcancei a multidão antes que ela se ageitasse numa pequena colina. Afortunadamente, encontrei-me sentado bem ao lado d'Ele, e ainda reservei lugar para alguns de vocês que acaso quisessem penetrar comigo, nas asas da imaginação, dezenove séculos a dentro, pelas brumas do passado. Venham rápido. Ele está falando:

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.

“Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.

“Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra.” (Veja Mateus cap. 5 e 7 — Sermão da Montanha.)

Depois de uma pausa ele se levanta da grande rocha onde estava sentado, como que para examinar a multidão.

É grande de estatura, perfeitamente formado, sem mancha ou defeito. Está vestido com uma túnica e traz um manto sobreposto. Sandálias calçam-Lhe os pés.

Voltando a se sentar sobre a rocha, fala:

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia;

“Bem-aventurados os limpos de coração porque eles verão a Deus.”

Eu encontro dificuldade em me concentrar no que está dizendo apenas por fitá-IO.

Sua frente é lisa.

Sua pele é clara.

Os olhos são azuis.

Os cabelos longos.

A barba é castanha, tal como o cabelo.

Tôda a Sua configuração é perfeita.

Seus movimentos são agradáveis.

Sua voz suave é grave. (Esta descrição foi feita por um mercador romano, que se deteve na Palestina, enquanto viajava para a China na Velha Estrada da Sêda.)

Ouçam-nO: “Portanto, vós orareis assim: Pai nosso que estás nos céus santificado seja o Teu nome;

“Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu;

“O pão nosso de cada dia nos dá hoje;...”

Será preciso repetir mais?

Vocês pais que possuem o sacerdócio, trariam uma grande bênção à suas espôas e filhos se os reunisse ao seu redor, lendo-lhes o texto completo do Sermão da Montanha. Façam-no com freqüência. É o maior discurso jamais pronunciado pelos lábios do homem. O mais largamente difundido entre os homens. Foi impresso em milhares de livros e citado por milhares de oradores, em milhares de púlpitos, para milhões de pessoas.

Em outra oportunidade, quando buscava reclusão, Ele dirigiu-Se a um local isolado para distanciar-Se das multidões. Mas o povo O encontrou e Ele os recebeu. E quando o dia começou a cair, reunindo cinco pães e dois peixes, abençoou-os alimentando cinco mil pessoas. Após isso, foram recolhidas as sobras em doze cestos.

Em outra ocasião Ele alimentou quatro mil pessoas, após abençoar sete pães e alguns peixes.

A alimentação desses milhares não foi senão um dos muitos tipos de milagre por Ele realizados.

Ele curou a lepra;

— tornou a água em vinho;

— serenou o vento;

— acalmou as ondas;

— caminhou sobre as águas;

— curou os enfêrmos e coxos;

— expulsou os espíritos do mal;

— devolveu a vista aos cegos;

— restaurou a vida aos mortos.

A fama de Seus feitos espalhou-se através de todo o mundo, chegando mesmo à Grécia e Roma, e, assim, quando veio a Festa da Páscoa, Jerusalém regorgitava de pessoas de perto e de longe, que haviam vindo conhecer êsse maravilhoso Homem da Galiléia. E não foram desapontados. Do alto do Monte das Oliveiras, através das ruas de Jerusalém, Jesus passou cavalgando um pequeno jumento.

Sua passagem foi forrada de flôres, fôlhas de palmeira e mantos dos que assistiam Sua entrada, e que cantavam:

“Hosana, Filho de Davi:

“Bendito o que vem em nome do Senhor:

“Hosana nas alturas.” (Marcos 11:9-10)

Presenciando a passagem, eu fantasio, encontram-se dois escravos, presos de obstinada curiosidade.

“Quem é êle?” pergunta um.

“Não sei” é a resposta.

“Êle é um rei?”

“Então está louco?”

“Não êle não enlouqueceu.”

“Não sei ao certo — mas não é um rei — é alguma coisa de ainda maior.”

Nem todos os que presenciavam sua entrada triunfal em Jerusalém eram seus amigos. Membros do Sinédrio, perturbados pelos milagres e pregações de Jesus, e alarmadíssimos com sua crescente popularidade entre o povo, pactuaram então seu encarceramento — e mesmo a sua morte. Poucas horas mais tarde, subornaram um de seus apóstolos com trinta moedas de prata, para que O traisse. Depois de um julgamento de zombarias, ilegal e irregular, promovido à noite, enquanto dormiam seus amigos do povo, êle foi flagelado e depois arrastado até um lugar denominado Calvário, onde finalmente o crucificaram. Entre suas últimas palavras encontramos as seguintes: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.”

Ao anoitecer se iniciava o Sábado do Senhor seu Deus. Para impedir que a presença daquele corpo na cruz viesse a profanar o dia santificado, seu corpo foi retirado dali às pressas, e sepultado numa tumba emprestada, onde jazeu por três dias.

Já ressuscitado, visitou ainda durante quarenta dias seus discípulos.

Em certa ocasião, enquanto caminhava com eles por uma estrada solitária, deteve-se para abençoá-los, e então, em sua presença, ascendeu aos céus. Ao desaparecer, mensageiros celestiais anunciavam:

“...Varões galileus, porque estais olhando para o céu? Êsse Jesus que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o viste ir.” (Atos 1:11)

De onde veio Jesus de Nazaré — êsse Homem da Galiléia?

Trinta anos antes de iniciar o ministério, Maria, Sua mãe, que esperava um filho, já em trabalhos de parto chegava a Belém.

Vinha de fazer uma longa jornada, no lombo de um jumento, quando não a pé. Ao chegarem, não havia mais lugar para ela na hospedaria em que pensava se abrigar, e ninguém mais em todos os arredores lhe queria oferecer lugar para ficar. Portanto, agêitaram-lhe uma cama de capim, na mangedoura de um estábulo das proximidades.

Lá, Jesus de Nazaré nasceu. O gado que se abrigava também na estrebaria foi o primeiro a ouvir o choro do infante.

“Ora, havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho.

“E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor.

“E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis que vos trago novas de grande alegria que será para todo o povo:

“Pois, na cidade de Davi vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.

“E isto vos será por sinal: Achareis o Menino envolto em panos, e deitado numa mangedoura. (Lucas 2:8-12)

Lá, na mangedoura, os pastores O encontraram.

Depois os sábios do oriente apresentaram-nO com dádivas de ouro, incenso e mirra.

Se Jesus tivesse vindo, como êsses homens sábios, montado num camelo, e carregando ouro, incenso e mirra, com uma coroa na cabeça, teria sido, indubitavelmente aceito como rei dos judeus.

Sua chegada tinha sido longamente aguardada, mas não conseguiram aceitar a alguém nascido em uma mangedoura, em tão humildes condições.

E eis que o Messias veio à luz — nascendo longe do lar, na obscuridade.

Êle pregou — o mais lúcido e claro professor das profundas verdades que jamais habitou entre os homens.

Êle curou —

Êle chamou seguidores após si — e mesmo os após-tolos.

Êle sofreu — foi traído, negado e abandonado.

Êle morreu — uma morte terrível sobre a cruz.

Êle ressuscitou após três dias na tumba.

Êle vive.

Êle voltará novamente.

Ouçã; estas palavras Lhe pertencem:

“Eu sou do alto.

“Desci dos céus.

“Todo o poder Me é dado.

“Eu sou a luz.

“Pedi em Meu nome.

“Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei.

“Eu sou o caminho.

“Guardai Meus mandamentos.

“Eu sou o Senhor do Sábado.

“Sou maior do que o templo.

“Eu sou a vida.

“Sou a ressurreição e a vida.

“Eu sou a verdade.

“Céus e terra passarão, mas Minhas palavras não passarão.

“Eu Me levantarei dos mortos.

“Quem me vê a Mim, vê o Pai.



“Vós Me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, pois Eu o sou.”

“Eu sei”, disse a mulher que estava na fonte, “que o Messias vem, o qual é chamado Cristo.”

Respondeu-lhe Jesus: “Eu o sou, Eu que falo contigo.” (João 4:25-26)

Quando Caifás arguiu — “Diga-nos se tu és o Cristo, o Filho de Deus.”

A resposta de Jesus foi: “Tu o disseste.” (Mat. 26:63-64)

Aproximadamente dois mil anos se passaram, e ninguém jamais reinou, serviu ou sonhou de forma a tocar e moldar mais intensamente a vida humana. Êle é o ideal — o exemplo — a maior, mais inalterável, completa e construtiva influência num mundo repleto de sangue e lágrimas. Os livros acêrca de sua vida enchem bibliotecas; o nome dos faraós, césares, imperadores e reis de tôdas as idades que vêm e vão, não passam de fantasmas sobre uma página impressa. Suas legiões fizeram-se em pó. Suas orgulhosas armadas foram sepultadas sob um túmulo de água.”

“Mas esta única vida sobrepuja a tôdas em poder. Sua influência é a esperança dos anos futuros.”

Numa côrte romana, mais ou menos dois mil anos atrás, o cético Pôncio Pilatos interpelou Jesus: “Tu és rei?”

E obteve a resposta: “Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade.”

O perplexo Pilatos retorquiu: “E que é a verdade?” (João 18:37-38)

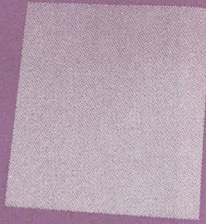
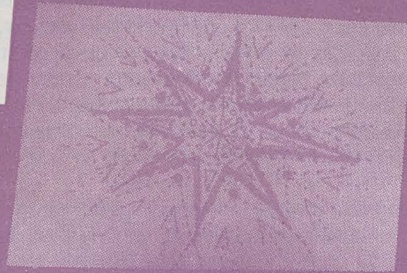
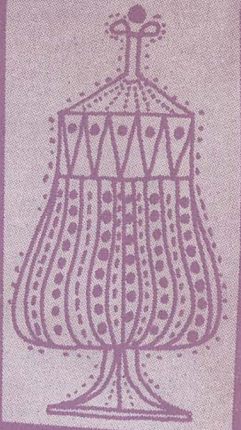
A verdade, irmãos, é — e isto eu o digo solenemente — o testemunho que agora presto: Jesus, o homem da Galiléia, é Cristo, o Filho do Deus vivo.

Pilatos ainda falou: “Que farei com êste homem?”

O que êle fez é histórico. Agora, vinte séculos depois — que fariam vocês, irmãos e amigos — com êsse homem?

Eu por mim O aceito o Filho de Deus.

Êle é o Filho literal do Deus vivo — eis meu testemunho e eu o declaro intrépida, ainda que humildemente, em nome de Jesus. Amém.





Quem tocou Minhas vestes?

*Pelo Presidente Milton L. Weilenmann
Presidente da Missão Alasco-Canadense*

A cena passa-se numa rua estreita e tortuosa da cidade, repleta de pessoas agitadas que empurram e se amontoam enquanto tentam visualizar uma procissão que lentamente segue por esta passagem de pedras. O barulho é grande. É um mercado judeu.

As pessoas estão curiosas, porque descendo aquela rua entre a multidão que se acotovela e empurra, está Ele que é o Rei, o Rei dos judeus — um Nazareno — o Filho de Deus. Observem a multidão. Há o esmoler, o mercador orgulhoso com seu balcão de mercadorias, a criancinha suspensa ao alto por seu pai que deseja que o pequenino O veja — e depois há apenas um mar de rostos — a multidão aglomerada que se comprime.

Entre estas diversas pessoas está u'a mulher. Vejamo-la mais de perto. Ela é jovem, mas seu semblante está compungido de dôr. O sofrimento deixou seu estigma. Ela está doente há doze anos "e tem sofrido muito com vários médicos. Já gastou tudo o que tinha e não melhorou. Agora ouve a respeito do Filho de Deus, e vem ao mercado tão repleto de gente; não por curiosidade, nem a procura de milagres, nem para comprar ou vender — vem pela fé; porque, diz ela "Se ao menos puder tocar-Lhe as vestes, me curarei."

Ele se aproxima agora. A multidão amontoada se aproxima um pouco mais. Os discípulos tentam controlar a turba. Não conseguem. A população comprime o Mestre. E é quando esta mulher se acerca e consegue tocar-Lhe as vestes "e Jesus imediatamente sabendo que saíra virtude de Si mesmo, voltou-se para a multidão e disse: — "Quem tocou Minhas vestes?" Os discípulos a, quem Cristo perguntara estavam surpresos. Com êste mar de gente movimentando-se inquietamente sôbre Ele, como podiam saber quem O tocara, e Lhe disseram: "Vês a multidão que Te aperta, e diz: Quem tocou Minhas vestes?" Jesus sabia quem O tocara. Há uma diferença entre apertar, empurrar, acotovelar-se — e alcançar e tocar. "Ele olhava ao redor para ver a que isto fizera. E Ele a curou. Naquela multidão, havia sem dúvida, muitos outros que tinham necessidade de Cristo. Na pressão da multidão muitos sentiram suas vestes e olharam-nO bem no rosto, mas apenas uma O tocara realmente. (Marcos 5:24-34.)

Aprecio imensamente esta estória, e a lição que encerra.

Hoje, muitos de nós comprimimos o Mestre, estamos curiosos, queremos estar perto. Nós até nos chamamos de santos em Seu nome. O desafio é fazer mais do que isso. Aprendendo a lição que esta mulher nos deu sôbre a fé, devemos alcançá-IO e tocá-IO.

Como?

A oração é um modo de Lhe tocar. O serviço prestado com altruísmo nos permite alcançá-IO. O amor que se manifesta honestamente faz contacto com o Cristo. A obediência aos Seus mandamentos coloca nossas mãos entre as mãos de Deus.

O Senhor disse a Jeremias: "Eis que ... farei um concerto nôvo com a casa de Israel e com a casa de Judá... Porei a Minha lei no seu interior." (Jeremias 31:31-33.) Que maravilhosa promessa! Quando adquirimos o espírito do evangelho em nossas veias, isto é, quando a lei do Senhor entra em "nosso interior" — quando nós realmente alcançamos e tocamos o Mestre, quando em cada trabalho que iniciamos no serviço da casa de Deus, e na lei, e nos mandamentos de procurar ao nosso Deus, fazemo-lo de todo o coração; prosperamos, realizamos e temos sucesso.



“Deixai vir a Mim os pequeninos, e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus.”

Natal e o Espírito de Cristo

Diz-se muitas vezes que a época mais feliz do ano é a do Natal. É verdade, pois nessa ocasião temos o espírito do Natal em nossos corações, que é o espírito de Cristo. Gostaria que fôsse assim em tôdas as estações do ano e em cada semana.

Aprecio muito ir à Escola Dominical e ver as crianças; ouvir o seu cantar e falar em louvor ao Redentor. O nome de Jesus pronunciado pelas crianças é música.

Lembro das palavras do Salvador: “Deixai vir a Mim os pequeninos, porque dos tais é o Reino de Deus.” (Marcos 10:14) É adorável ouvi-los cantar: “Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.” (Lucas 2:14)

Milhões celebram Seu nascimento

Milhões e milhões de pessoas celebram o nascimento de Cristo. No entanto, sabemos tão pouco a Seu respeito. Quando queremos conhecer um personagem da história podemos consultar volumes e fotografias e observar seu caráter, seus traços, suas características e seu temperamento. Mas, no caso de Jesus de Nazaré é diferente.

Dos homens que andaram com Êle não há mais nenhum que possa falar a Seu respeito. Por outro lado, não há fotografia Sua, embora diversos artistas O tenham pintado.

Não somente não temos Seu retrato, mas não temos Suas palavras no original. Os apóstolos escreveram apenas o que se lembraram do que Êle disse. E temos pouco, pois diz o apóstolo João que se tivéssemos um relato de tudo o que fez e ensinou, o mundo não poderia conter os volumes. (Veja João 21:25)

Influência suprema

Nenhum ser que já viveu sobre a terra conseguiu ter a milésima parte da influência que Êle teve sobre o mundo. Dois mil anos, aproximadamente, se passaram de Sua morte e Êle ainda é conhecido como incomparável.

Essa influência é exercida através do registro de Suas palavras como são encontradas no Livro de Mórmon, na Bíblia e Doutrina e Convênios. Não é apenas o que Êle disse que nos influencia, mas “aquilo que faz aos nossos espíritos e corações e como afeta as vidas dos homens que faz com que Êle viva.”

Uma lição de humildade

Certa ocasião quando estava com os Doze, Êle realizou uma cerimônia sagrada na qual deu-lhes uma lição de humildade. Depois de ter desatado a toalha de Sua cintura, recolocou a bacia à porta, e tomou Seu assento à cabeceira da assembléia novamente, e disse:

“Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque Eu o sou;

“Ora se Eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros.

“Porque Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também.” (João 13:13-15)

Foram três os princípios legados ao mundo pelo anjo que chegou aos pastores naquela noite estrelada e disse: “... Não temais, pois que ... na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador que é o Cristo...”

“E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo:

“Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.” (Lucas 2:10, 11, 13, 14)

O primeiro princípio é a mensagem para que tôdas as pessoas dêem glória a Deus — e a divindade foi um traço que Jesus exemplificou a cada dia e hora de Sua existência terrena.

Ensinado o princípio de divindade

Quando ensinou aos discípulos como orar, o simples e belo modelo que outorgou continham êsse princípio de divindade. “... Nosso Pai que estás nos Céus, santificado seja o Teu nome.” (Mateus 6:9)

Depois de realizar o milagre de alimentar as cinco mil pessoas, viu como interpretaram Seu poder, desejando torná-lo rei, deixando de reconhecer o poder de Deus. Ele os despediu e retirou-Se para orar. Mais tarde, naquela noite, reuniu-Se aos Seus discípulos. As pessoas ficaram surpresas ao encontrarem o mesmo Jesus na manhã seguinte em Cafarnaum. Afluíram novamente ao Seu redor, pedindo-Lhe, sem dúvida, que lhes desse algo. Fingiram querer conhecer o Seu evangelho, Seus ensinamentos; mas Ele voltou-se e disse: "... Vós Me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes." (João 6:26) Foi então que proferiu o memorável "Sermão sobre o pão da vida", uma síntese do que se acha em "João", capítulo onze, quando foi realizado o milagre da ressurreição de Lázaro de entre os mortos.

Ensinado o princípio da paz

O segundo princípio, "Paz na terra." Paz! Vocês podem pensar em qualquer outro princípio que seja mais aceitável do que a paz? Os filósofos deram diversos propósitos à vida: muitos dizem que é a felicidade outros o dever. Creio que esses que colocam a paz como tal propósito chegam mais perto do propósito real.

Quando Jesus ressuscitou do túmulo e apareceu aos Seus discípulos, Sua primeira saudação foi: "... A Paz esteja convosco." (Lucas 24-36) Paz! Vocês a encontram em Seus lábios por toda a Sua vida. A paz é a isenção do conflito individual, de desavenças familiares, de dificuldades nacionais. A paz se refere tanto ao indivíduo quanto às comunidades. O homem que não está em paz é aquele que é falso aos ensinamentos de Cristo, aos exames de sua consciência. Não pode estar em paz quando for falso para com o que há de melhor em si mesmo; quando transgride a lei de retidão, quer em se tratando de si mesmo ao ser indulgente com paixões ou apetites, cedendo às tentações da carne, ou quando é injusto, transgredindo a lei de retidão ao tratar com seu semelhante.

Oh, se ao menos pudéssemos ter paz! E a paz resulta da obediência ao Evangelho de Jesus Cristo; mas o espírito da carne, o espírito do mundo é antagônico ao estabelecimento da paz. Pense apenas como seria significativo hoje em dia se ao menos o espírito penetrasse nos corações dos governantes das nações escravizadas; se eles pudessem ter confiança em seu próximo, e confiança em seu Deus. Acredito que quando lemos a gloriosa nova do mensageiro celestial pensamos somente na palavra paz, e as condições que irão estabelecê-la. Seguir-se-á então a felicidade — não mero prazer — mas felicidade. O dever é um requisito fundamental para se obter a paz. Não há paz quando há violação do dever. São as pequeninas coisas que constantemente estão sendo realizadas que produzem a paz, mas são elas também que negligenciadas destróem-na.

Ensinado o princípio de fraternidade

O terceiro princípio legado pelo mensageiro celestial é a boa-vontade para com os homens. Nós o chamaremos de fraternidade. Não consigo pensar em qualquer outra palavra que pareça tão expressiva ou que dê uma oportunidade de realçar boa-vontade entre os homens do que

a fraternidade. Todos os homens, os pobres, e até os pecadores, foram receptivos à Sua bondade e às Suas bênçãos.

Cristo nos ensinou a não colocarmos nossos corações nas coisas do mundo, mas em Deus e nas coisas divinas. E essa é a obrigação que nos chega — pregar e viver as coisas divinas, tendo reverência com nosso Pai Celestial, orar a Ele e ensinar a nossos filhos a serem reverentes e a orarem. Não somente isso, mas devemos ensinar-lhes a honrar e reverenciar as coisas sagradas. Jesus não somente tinha reverência com Seu Pai, com as coisas que eram de Deus. Denunciou os homens de Seu tempo por deturparem e danificarem os edifícios sagrados. Purificou o templo ao expulsar os vendilhões e aqueles que negociavam. Disse: "...Tirai daqui estes, e não façais da casa de Meu Pai casa de venda." (João 2:16) Outra ocasião disse Ele: "...vós a tendes convertido em covil de ladrões." (Mateus 21:13) Era a casa de Deus.

No belíssimo Sermão da Montanha, dirigindo-se aos que juravam pelos céus, e a outros que jurariam pela terra para tornar sagrado um juramento, disse: "...de maneira alguma jureis: nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra que é o escabelo de seus pés..." (Mateus 5:34-35)

Aí está o exemplo que gostaria que todos seguissemos e ensinássemos a nossos filhos nesta época. Não é raro, passearmos pela rua e ouvirmos jovens, ou mesmo crianças, blasfemando. Eles não aprenderam a lição do Mestre; ou, se aprenderam, os hábitos das pessoas com que se associam são tais que fizeram com que esquecessem dos ensinamentos de seus pais. Esta é a segunda condição de paz, e a terceira é a fraternidade.

Conhecimento do Redentor

É surpreendente o mundo saber tão pouco a respeito do Redentor. Não obstante, do ponto de vista divino, não haja surpresa. Entretanto, nós os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, realmente sabemos mais sobre Ele.

Houve um rapaz nesta dispensação que soube como Ele é, porque O viu. Joseph Smith, o Profeta, viu o Redentor com Seu Pai, e testificou ao mundo e registrou Suas mensagens, nesta Dispensação da Plenitude dos Tempos. Que tremenda responsabilidade, pois, nos pesa! De todos os pontos cristãos do mundo civilizado, nenhum desempenha a responsabilidade que um membro desta Igreja desempenha hoje. Portanto, devemos nos esforçar para seguir o exemplo do Redentor.

Quando nos aproximamos do Ano Nôvo, acho bem apropriado nos arrependermos e nos esforçarmos por algo mais elevado. E devemos introduzir mais divindade em nossas vidas; estabelecer paz em nossos corações; verificar se nossas famílias estão em paz com a vizinhança; e usar de nossa influência como membros da Igreja para estabelecer a paz em todo o mundo. Podemos fazê-lo através do divino e cristão princípio de dedicação. Cada homem, mulher e criança desta Igreja tem a oportunidade de prestar serviços à humanidade.

Que a paz e contentamento de Jesus habite em cada lar. Que a disposição do Natal, que surge do verdadeiro espírito de irmandade — o espírito de Cristo — esteja conosco e permaneça conosco através de todo o ano que se aproxima!

O primeiro Natal trouxe... o dom da boa vontade

Por Irene Mc Cullough

"Sinto que não suporto mais o governo dos Romanos, pai. Até quando nos sentaremos paralisados sob seu jugo dominador?"

"Benjamim, meu filho, temos permanecido sob o governo de nações estrangeiras por mais de cinco séculos. Roma é que governa o mundo hoje em dia, e apenas um punhado de homens que se rebelam contra ela se constitui em pura loucura-suicídio. Limpe-se do ódio que lhe invade o ser; o ódio."

"O senhor já disse, e nossos antepassados têm pregado por séculos que somos um povo escolhido, que um Redentor, um Salvador, seria erguido entre nós que nos salvaria de nossos inimigos. Quanto tempo teremos que esperar ainda; outros mil anos?" A voz irritada do menino cortou a quietude da noite.

"Fique calado, filho, quieto. A noite tem ouvidos. Não devemos trazer mais tristezas para nosso povo com palavras queixosas. O domínio dos Romanos tem sido muito mais indulgente do que qualquer outro antigo que tivemos. Somos protegidos em nossos lares e cidades por meio de suas leis. Temos liberdade de adorar enquanto não abusarmos das leis civis de Roma. Isto significa muito para um povo que está cercado de nações pagãs que adoram ídolos de pedra. Venha, está ficando tarde e ainda temos afazeres para executar. Depois de um longo dia de trabalho chegará logo o amanhecer."

"Pai, já se esqueceu dos impostos pesados que nos impuzeram êstes pagãos? Não nos permitem sequer ajudar a elaborar as leis pelas quais somos governados. Indicam homens iníquos, que nos odeiam, para ser nossos governadores; e êstes homens esvaziam nossos bolsos para encher os seus próprios."

Ainda descontente, Benjamim cercou as ovelhas e as cabras abrigando-as da noite. Num recanto gramado perto dos animais, atirou algumas cobertas para que seu pai e êle mesmo pudessem descansar. Envolveram-se

em mantas macias de pele de camelo, e depois os dois pastores deitaram-se para dormir.

Era difícil para Nathan conciliar o sono. Estava aborrecido e preocupado a respeito de seu filho, Benjamim, e seus amigos impetuosos. Falta-lhes a sabedoria e o discernimento de seus pais. Suas ações impulsivas poderiam acarretar medidas drásticas de represália sobre suas cabeças.

Nathan, deitado de costas, olhava para o alto dos céus; uma infinidade de estrelas parecia tocar a terra como jamais acontecera. Tudo estava em paz aqui sob as estrelas; até mesmo os carneirinhos brancos pareciam mais alegres do que de costume. Estavam inteiramente aconchegados ao calor dos corpos de suas mães de modo afetuosos.

Nathan de maneira afetuosos passou seu braço à volta de seu filho e disse-lhe murmurando gentilmente: "Benjamim, meu rapaz, domine-se a si próprio antes de tentar conquistar seus inimigos. Amor e paz não podem habitar em seu coração enquanto estiver cheio de amarguras. Deus ainda permanece atento a Israel."

"Se êle está, por que então ainda não somos livres?"

"Talvez seja porque nos tornamos arrogantes e convencidos. Por séculos temos recusado ouvir a voz dos profetas. Demo-lhes as costas e falhamos em não dar atenção a suas mensagens e admoestações. Esquecemos de viver as leis dadas por Moisés no Monte Sinai e seguimos pelos caminhos das nações pagãs."

Benjamim, ainda ressentido, sacudiu os braços de seu pai e virou-se para dormir.

O sono estava fora de cogitação para o velho pastor. Apreciava seu filho de modo especial. Estava magoado ao pensar que êle não o ouviria.

Durante muito tempo Nathan permaneceu acordado. De repente ouviu acordes de música distante. Parecia a princípio que vinha de uma terra longínqua. O canto aumentava cada vez mais — era o mais harmonioso

côro que jamais tivera escutado. Estaria sonhando? Esperou um momento, e então sentou-se. A música parecia estar a seu redor, agora.

"Benjamin! Benjamin!" gritou êle. O rapaz, despertou de repente de um sono profundo, gritando: "Pai, o que foi? São lobos entre as ovelhas?"

Nathan colocou sua mão sobre o rapaz. "Escute, meu filho." Seus olhos dirigiram-se aos céus. "E eis que o anjo do Senhor veio sobre êles, e a glória do Senhor os cercou de esplendor, e tiveram grande temor.

E o anjo lhes disse: "Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo; pois na cidade de Davi, vos nasceu hoje, o Salvador, que é Cristo, o Senhor.

"E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa mangedoura.

"E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo: Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens."

Os anjos em seus mantos brancos desapareceram lentamente no firmamento estrelado e o côro sublime das vozes desvaneceu-se na distância.

"Paz e boa vontade para com os homens", murmurou com reverência o gentil pastor; "para todos os homens, filho."

"Sim, pai", replicou Benjamin com a cabeça inclinada; "para com todos os homens... Iremos agora a Belém, e veremos isto que irá acontecer, que o Senhor nos revelou."

Nathan e Benjamin foram ao estábulo da hospedaria e com profunda reverência ajoelharam-se ao lado da mangedoura e contemplaram o menino, o Infante Cristo, o Salvador do mundo. Serenidade inabalável transbordou-lhes o peito, uma alegria tal jamais sentida. E Benjamim percebeu finalmente que somente o amor ao próximo é que traria paz à terra e boa vontade entre os homens. (Veja Lucas 2:1-20)

JESUS, O CRISTO

CAPÍTULO XVII

O SERMÃO DA MONTANHA

Numa ocasião próxima à ordenação dos Doze, Jesus pronunciou um discurso notável, que em referência ao local onde foi feito, tornou-se conhecido como o Sermão da Montanha. Mateus apresenta uma relação extensa, que ocupa três capítulos do primeiro evangelho. Lucas dá-nos uma sinopse bem menor.^a Variações circunstanciais que aparecem nos dois registros são de importância menor.^b É ao sermão em si que devemos proveitosamente dedicar nossa atenção. Lucas introduz em diferentes partes de seus relatos, muitos dos preciosos preceitos tidos como partes do sermão, compilado como um discurso contínuo no Evangelho de Mateus. Em nosso presente estudo seremos orientados principalmente pelo último relato. Algumas partes deste compreensível sermão foram dirigidas expressamente aos discípulos que tinham sido ou seriam chamados ao apostolado, e como conseqüência lhes seria requerido que renunciassem a todos os interesses do mundo para aceitarem a obra do ministério. Outras partes foram e são de aplicação geral. Jesus havia subido à encosta da montanha, provavelmente para escapar às multidões que O rodeavam dentro ou fora das cidades.^c Os discípulos reuniram-se ao Seu redor, e ali sentou-se Ele e lhes ensinou.^d

AS BEM-AVENTURANÇAS^e

As sentenças iniciais são ricas de bênçãos, e a primeira seção do discurso se dedica a uma explicação do que constitui a genuína bem-aventurança. Além disso, a lição comunicou-se com simplicidade e sem ambigüidade por meio de aplicação específica, cada um dos abençoados sendo assegurado da recompensa de desfrutar de condições completamente opostas às que estavam sujeitos. As bênçãos especificadas pelo Senhor nesta ocasião, foram designadas na literatura de época posterior com o nome de Bem-aventuranças. Os pobres de espírito serão enriquecidos na qualidade de herdeiros diretos do reino dos céus; os que choram serão consolados pois verão o propósito divino em seu pesar, e se ligarão novamente aos seres amados dos quais foram separados; os mansos, que preferem ser despojados a perderem suas almas devido às contendas, herdarão a terra; os que têm fome e sede de justiça serão fartamente alimentados; os que demonstram misericórdia serão julgados com misericórdia; os puros de coração serão admitidos na presença de Deus; os pacificadores, que se esforçam por salvar-se a si mesmos e aos seus semelhantes dos conflitos, serão contados como filhos de Deus; os que sofrem perseguições por causa de justiça herdarão as riquezas do reino eterno. Aos discípulos o Senhor falou diretamente, dizendo: "Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disseram todo o mal contra vós, por Minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós."^f

É evidente que as bênçãos específicas e a felicidade compreendida nelas, serão realizadas completamente só depois do túmulo; embora a alegria de saber que se está vivendo retamente constitua, ainda nesta vida, uma rica recompensa. Um importante elemento desta esplêndida elucidação do estado realmente abençoado é a distinção implicada entre o prazer e a felicidade.^g O mero prazer é, quando muito, passageiro; a felicidade é duradoura, pois sua lembrança renova a alegria.

a. Mat. caps. 5, 6, 7; Lucas 6:20-49. Veja também a versão do sermão feita por Jesus Cristo depois de sua ressurreição, aos nefitas no continente oriental; 3 Nefi, caps. 12, 13, 14. Veja também o capítulo 39 deste livro.

b. Nota 1, no fim do capítulo.

c. Mat. 4:23-25; leia esses versículos junto com 5:1; veja também Lucas 6:17-19.

d. Nota 1, no fim do capítulo.

e. Mat. 5:3-12; compare Lucas 6:20-26; e 3 Nefi 12:1-12.

A suprema felicidade não é uma realização terrena; a prometida "plenitude de gozo" permanece no além-túmulo e na ressurreição.^h Enquanto o homem existir em seu estado mortal ele necessita algumas das coisas do mundo; deve ter alimento e roupas e um lugar para se abrigar; e além destas necessidades comuns pode desejar com justiça as facilidades de educação, as vantagens de uma civilização progressista e as coisas que conduzem ao refinamento e à cultura; entretanto, tudo isto é apenas um auxílio para efetuar realizações, não a finalidade pela qual se tornou mortal.

As Bem-aventuranças são dirigidas aos deveres da vida mortal como uma preparação para uma existência maior, ainda que futura. No reino celeste, duas vezes mencionado nesta parte do discurso do Senhor, encontram-se os verdadeiros tesouros e a felicidade inesgotável. O reino dos céus abrange o texto de todo este maravilhoso sermão; as maneiras de alcançar o reino e as glórias da cidadania eterna são as principais divisões do tratado.

DIGNIDADE E RESPONSABILIDADE NO MINISTÉRIOⁱ

O Mestre começou a instruir direta e particularmente aqueles sobre quem transmitiria a responsabilidade do ministério como Seus representantes comissionados. "Vós sois o sal da terra", disse ele. O sal é grande preservativo, por isso tem sido de grande utilidade desde os tempos antigos. O sal foi recomendado na lei Mosaica^j como indispensável às ofertas de carne. Bem antes do tempo de Cristo atribuiu-se ao uso do sal um simbolismo de fidelidade, hospitalidade e convênio.^k Para ser útil, o sal devia ser puro; para ter a virtude salvadora devia ser sal verdadeiro e não o produto de alteração química ou de mistura da terra por meio da qual pudesse perder o seu "sabor"; e sem valor algum,^l serviria apenas para ser lançado fora. Os discípulos foram particularmente admoestados a respeito de tal mudança de fé, contra tal mescla de sofismas, chamados filosofias, e heresias da época. Então, mudando de figura, Jesus os comparou à luz do mundo, e ordenou-lhes o dever de manter sua luz diante dos homens, tão proeminente como uma cidade edificada sobre uma colina, para ser vista de todas as direções, uma cidade que não pudesse ser escondida. De que serviria uma candeia acesa se estivesse escondida sob um tonel ou caixa? "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens", disse ele, "para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus".

Para que não cometessem engano com relação à antiga lei e o evangelho do reino que estava elucidando, Jesus assegurou-lhes que não viera destruir a lei ou anular os ensinamentos e predições dos profetas, mas cumpri-los e estabelecer o que fôra apenas preparatório no desenvolvimento de séculos passados. Pode-se dizer que o evangelho tenha destruído a lei mosaica tal como a semente é destruída com o crescimento da nova planta; somente como o botão é destruído pelo desabrochar completo da rica flor, madura e fragrante; apenas como a infância e a juventude passam para sempre quando se atinge a maturidade. Nem mesmo um til ou traço sequer da lei seria alterado. Não se poderia conceber uma analogia de maior efeito do que esta. O til e o traço eram pequeninas marcas literárias usadas na escrita hebraica, que para nosso objetivo presente

f. Mat. 5:11, 12; compare Lucas 6:26; 3 Nefi 12:11, 12.

g. Nota 2, no fim do capítulo.

h. Doutrina e Convênios 93:33.

i. Mat. 5:13-20; compare Luc. 14:34-35; 3 Nefi 12:13-20.

j. Lev. 2:13; compare Esdras 6:9; Ezequiel 43:24.

k. Note a expressão "convênio de sal", indicando o convênio entre Jeová e Israel, Lev. 2:13; Num. 18:19; compare com 2 Cron. 13:5.

l. Nota 3, no fim do capítulo.

podem ser consideradas equivalentes ao til que nasala as vogais, ao ponto sobre o "i", ou ainda ao traço que corta o "t". A primeira, o til, considera-se em português e em outras linguas algo mínimo, insignificante. Assim, o mínimo mandamento não poderia ser violado sem qualquer penalidade; entretanto, os discípulos foram alertados a cumprir os mandamentos não à maneira dos escribas e fariseus, cuja observância era revestida de exterioridade cerimonial, sem os elementos essenciais da genuína devoção; pois lhes foi assegurado que desta maneira insincera, não poderiam "entrar no reino dos céus".

EVANGELHO SUBSTITUI A LEIⁿ

A seção seguinte do sermão refere-se à superioridade do Evangelho de Cristo em relação à lei de Moisés, e compara requisitos que dispõe em determinados casos. Enquanto a lei proibia assassinato e dispunha de um castigo justo para o crime, Cristo ensinou que, ceder à ira, poderia levar alguém à violência ou até mesmo ao assassinato, já se constituindo pois em pecado. Ao uso malicioso de alcunhas ofensivas tais como "raca", levava o ofensor a ser castigado de acordo com os decretos do conselho; e chamar a um outro de "idiota" expunha o indivíduo "aos perigos do inferno". Estas alcunhas repreensíveis eram consideradas particularmente injuriosas e expressavam, por conseguinte, uma intenção odiosa. A mão do criminoso é impelida pelo ódio de seu coração. A lei dispunha de castigos para o ato; o evangelho censurava a paixão malévola em seu estado incipiente. Para realçar este princípio, o Mestre demonstrou que a ira não seria expiada por um sacrifício material; e, se alguém fosse levar ofertas ao altar e se lembrasse de que havia alguma inimizade com seu irmão, deveria primeiramente ir a este e reconciliar-se, mesmo que fosse preciso interromper a cerimônia, o que se constituía num incidente grave, segundo o critério dos sacerdotes. As diferenças e contendas devem ser resolvidas sem demora.

A lei proíbe o pecado terrível de adultério; Cristo disse que o pecado começaria no olhar voluptuoso, no pensamento sensual; e acrescentou que seria melhor tornarmos-nos cegos do que olhar com olhos maldosos; melhor seria perder uma das mãos do que obrar iniquamente. Sobre o assunto do divórcio, a respeito do qual havia demasiada liberdade naqueles dias, Jesus declarou que a não ser que fosse devido à mais séria ofensa de infidelidade aos votos conjugais, nenhum homem deveria divorciar-se de sua esposa, sem se tornar culpado de ofensa, pois ela, casando-se novamente, enquanto ainda injustamente divorciada, cometeria pecado, e assim o homem com quem contrairse segundas núpcias.

Há muito tempo fora proibido fazer juramentos, exceto em solene convênio diante do Senhor; mas na dispensação do evangelho o Senhor proibiu que os homens jurassem, sob qualquer forma; e explicou a atrocidade de jurar em vão. Era grave pecado jurar pelo céu, que é a habitação de Deus, ou pela terra, que é Sua criação e à qual Ele chama o escabelo de Seus pés; ou por Jerusalém que era a cidade do grande Rei; ou pela cabeça de alguém, que é parte do corpo que Deus criou. A moderação no falar, decisão e simplicidade eram recomendadas, com exclusão das expletivas, profanação e juramentos.

O princípio de represália era tolerado, pelo qual era consentido, que o indivíduo injuriado exigisse ou infligisse um castigo da mesma natureza da ofensa. Portanto, exigia-se um olho pela perda de um olho, um dente por um dente, uma vida por uma vida.^o Cristo, ao contrário, ensinou que seria melhor sofrer do que agir mal, até mesmo chegar à submissão sem resistência sob certas condições implícitas. Suas ilustrações convincentes que se alguém fosse ferido numa face, deveria voltar a outra àquele que o ferira; que, se algum homem despojasse a túnica de outro por litígio, o que perdesse deveria permitir que lhe levasse a sua capa também; se alguém fosse obrigado a conduzir a carga

de outro por uma milha, deveria estar disposto a prosseguir por duas milhas; que dever-se-ia prontamente dar ou emprestar quando lhe fosse solicitado — não devem ser traduzidos como uma recomendação à subserviência a demandas injustas, nem tido por abrogação do princípio de defesa própria. Estas instruções foram dirigidas principalmente aos apóstolos, que iriam dedicar-se necessariamente à obra do reino com exclusão de todos os outros interesses. No seu ministério seria preferível sofrer danos materiais ou afrontas pessoais e imposições sob as mãos de opressores iníquos, do que ocasionar o enfraquecimento de sua eficácia e impedir a obra por meio de resistência e contendas. Para estes, as Bem-aventuranças eram de aplicação particular — Bem-aventurados os mansos, os pacificadores, e aqueles que são perseguidos por causa da justiça.

Já se dizia na antiguidade: "Ama o teu próximo, e odeia a teu inimigo";^p mas o Senhor agora nos ensinou: "Ama a teu inimigo, abençoa os que te maldizem, e bem aos que te odeiam, e ora pelos que te ultrajam e te perseguem". Esta doutrina era nova. Jamais Israel fóra solicitada a amar seus inimigos. A amizade aos inimigos nunca fóra dantes encontrada na lei Mosaica. Realmente o povo havia sido ensinado a considerar os inimigos de Israel como inimigos de Deus; e agora Jesus dizia que lhes fosse manifestado tolerância, misericórdia, e até mesmo amor! Complementando este requisito deu uma explicação — por meio desta direção que Ele indicava os homens poder-se-iam tornar filhos de Deus, na semelhança do Pai, segundo o grau de obediência; pois que o Pai é amável, longânimo e tolerante, e faz com que Seu sol brilhe sobre os maus e sobre os bons, e envia a chuva tanto para a manutenção dos justos como dos injustos.^q E, além disso, qual a excelência do homem que dá somente quando recebe, reconhecendo apenas aos que o saudam com respeito, que ama apenas quando é amado? Até mesmo os publicanos assim fizeram. Esperava-se muito mais dos discípulos de Cristo. A admoestação que encerra esta parte do discurso é um sumário eficaz e compreensivo de tudo o que precedera: "Sêde vós pois perfeitos, assim como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus."^s

SINCERIDADE DE PROPÓSITO^t

Na questão de dar esmolas o Mestre advertiu e condenou por inferência a ostentação e exhibições hipócritas. Dar aos necessitados é louvável; mas dar com o fito de receber louvor dos homens é excessiva hipocrisia. Na época de Cristo era moda entre certas classes, dar esmolas a um pedinte, colocar ofertas nas arcos dos tesouros do templo para serem vistas pelos homens,^u e outras manifestações de afetada generosidade; e o mesmo espírito se manifesta hoje em dia. Muitos há que, fazem soar trombetas, valendo-se das colunas da imprensa, ou por outros meios de publicidade, para chamar a atenção às suas dádivas, quer seja para a glória dos homens — grangear favores políticos, aumentar seu comércio ou influência — quer pelo que, diante de seus olhos vale muito mais do que aquilo que deram. Com uma lógica penetrante, o Mestre demonstrou que tais doadores já têm sua recompensa. Receberam o que buscavam; o que mais podem exigir tais homens ou consistentemente esperar? "Mas", disse o Senhor, "tu, porém, ao dares esmolas, ignora a tua mão esquerda o que faz a direita; para que tuas esmolas sejam feitas em secreto; e teu Pai que vê em secreto te recompensará publicamente."

Com este mesmo espírito denunciou o Pregador as orações hipócritas — as vãs repetições em lugar de orar. Havia muitos que procuravam lugares públicos, sinagogas e até mesmo esquinas de vias públicas para serem vistos e ouvidos enquanto faziam suas orações; o que mais podiam pedir? "Na verdade Eu vos digo, que já tiveram sua recompensa." O que realmente ora — ora quase que exatamente como Cristo orou, ora para estabelecer uma comunhão com Deus a quem a oração se dirige — busca retiro, reclusão, isola-

n. Mat. 5:21-48; Lucas 6:27-36; compare 3 Nefi 12:21-48.

o. Exo. 21:23-25; Lev. 24:17-22; Deut. 19:21.

p. Compare com Lev. 19:18; Deut. 23:6 e Salmos 41:10.

q. Compare com a lição ensinada pelo Mestre na Parábola do Joio, Mateus 13:24-30.

r. Nota 4, no fim do capítulo; veja também o capítulo 14 deste livro. s. Nota 5, no fim do capítulo.

t. Mat. 6:1-18; compare com Luc. 11:2-4; 3 Nefi 13:1-18.

u. Considere o incidente das ofertas do rico e o mito da viúva, Marcos 12:41-44; Lucas 21:1-4.

mento. Se a oportunidade permitir, retirar-se-á para seu aposento, e fechará a porta, para que ninguém o interrompa; para que possa realmente orar, se o espírito de oração estiver em seu coração; e isto foi recomendado pelo Senhor. Súplias prolixas, repetições e redundâncias, como as idólatras.



Doador, e nos tornamos humildes, agradecidos, contritos e confiantes em nossa petição. Embora o sol brilhe e a chuva caia sobre os justos e injustos, o homem reto fica agradecido

v. Veja o começo do capítulo 3.

x. Exodo 16:16-21.

z. Observe a lição da parábola do Credor Incompassivo, Mateus 18:23-25.

a. Compare com Mateus 7:6.

por estas bênçãos; o ímpio recebe os benefícios como algo natural com uma alma incapaz de sentir gratidão. A faculdade de sentir-se agradecido é uma bênção e mais ainda devemos estar agradecidos por possuí-la. Somos ensinados a orar diariamente pelo alimento que necessitamos, não por fartura que se possa armazenar para os dias futuros. Israel recebia alimentação diária de manhã enquanto viajava pelo deserto, que a fazia lembrar de confiar n'Aquêle de quem dependia. O homem na abundância esquece-se mais facilmente de sua dependência do que quando se acha restringido ao sustento diário que deverá pedir.

"E perdôa-nos as dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores." Aquêles que pode portanto orar desta maneira, com plena intenção e propósito sincero, merece o perdão. Nesta especificação de súplica pessoal somos ensinados a esperar apenas pelo que merecemos. Os egoístas e pecadores regozijar-se-ão com a isenção das dívidas legislativas, mas por serem egoístas e pecadores exigirão até o última setil daqueles que lhe devem. O perdão é uma pérola demasiado preciosa para ser atirada aos pés dos que não perdoam, e sem a sinceridade que nasce de um coração contrito, nenhum homem pode clamar justamente por misericórdia. Se outros nos devem algo, quer em espécie ou em mercadorias, como foi sugerido pelas palavras 'dívidas e devedores', quer por terem violado nossos direitos, de acôrdo com o significado mais extenso de transgressão — nossa maneira de tratá-los será considerada devidamente no julgamento de nossas próprias ofensas.

"E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal." A primeira parte desta petição tem ocasionado comentários e perguntas. Não somos induzidos a entender que Deus deixe um homem à mercê da tentação, exceto talvez, quando por sábia permissão, examiná-lo e prová-lo concedendo-lhe assim a oportunidade de sobrepujá-la e ganhar portanto maior força espiritual, a qual constitui o verdadeiro adiantamento no curso eterno do progresso. O objetivo principal de dispôr de corpos para os espíritos preexistentes da raça humana e avançá-los no estado mortal, foi para "ver se farão tudo o que o Senhor seu Deus lhes ordenar." O plano de mortalidade envolve a certeza das tentações. O intento da súplica parece ser o de sermos preservados da tentação além do que nossas forças débeis possam resistir; ou de não sermos abandonados à amparo divino que nos servirá de proteção completa até onde nos permita o exercício de nossa escôlha.

Quão incongruente pois, ir, como muitos vão, a lugares onde são mais fortes as tentações às quais demonstramos maior susceptibilidade; que o homem vulnerável à paixão de bebidas fortes ore de tal forma e depois se dirija a uma cantina; que o homem cujos desejos são sensuais expresse tal oração e vá então ao lugar onde se inflame a luxúria; que o homem desonesto, apesar de pronunciar a oração, se coloque no lugar onde sabe que terá a oportunidade de roubar! Poderão almas como estas ser além de hipócritas ao pedir que Deus as livre dos males que procuraram? A tentação cairá sobre nosso caminho sem que a busquemos, e o mal se apresentará até no devido instante em que desejarmos praticar o bem; no entanto podemos orar para que sejamos libertos de tais coisas com esperança e certeza.

"Pois Teu é o reino, e o poder, e a glória, para todo o sempre. Amém." Conhecemos aqui a supremacia do Ser a quem nos dirigimos no início como sendo nosso Pai. Ele é o Todo-poderoso em que por intermédio de cuja providência nós vivemos e possuímos nossa existência. Afirmar que se é independente de Deus tanto é sacrilégio como blasfêmia; reconhecê-lo é um dever filial e confissão justa de sua majestade e domínio. A Oração do Senhor é encerrada com um solene "Amém", testificando sua autenticidade como verdadeira expressão da alma suplicante; reunindo em sua extensão o significado de tudo o que fôra afirmado ou pensado. "Assim seja" é o significado literal da palavra Amém.

Do assunto sobre a oração o Mestre voltou-se ao do

b. PGV, Abraão 3:25; veja também as notas do capítulo 2 deste livro.

c. Atos 17:28.

d. Compare os exemplos relacionados com a parábola dos fariseus e dos publicanos, Lucas 18:10-14.

podem ser consideradas equivalentes ao til que nasala as vogais, ao ponto sobre o "i", ou ainda ao traço que corta o "t". A primeira, o til, considera-se em português e em outras linguas algo mínimo, insignificante. Assim, o mínimo mandamento não poderia ser violado sem qualquer penalidade; entretanto, os discípulos foram alertados a cumprir os mandamentos não à maneira dos escribas e fariseus, cuja observância era revestida de exterioridade cerimonial, sem os elementos essenciais da genuína devoção; pois lhes foi assegurado que desta maneira insincera, não poderiam "entrar no reino dos céus".

EVANGELHO SUBSTITUI A LEIⁿ

A seção seguinte do sermão refere-se à superioridade do Evangelho de Cristo em relação à lei de Moisés, e compara requisitos que dispõe em determinados casos. Enquanto a lei proibia assassinato e dispunha de um castigo justo para o crime, Cristo ensinou que, ceder à ira, poderia levar alguém à violência ou até mesmo ao assassinato, já se constituindo pois em pecado. Ao uso malicioso de alcunhas ofensivas tais como "raca", levava o ofensor a ser castigado de acordo com os decretos do conselho; e chamar a um outro de "idiota" expunha o indivíduo "aos perigos do inferno". Estas alcunhas repreensíveis eram consideradas particularmente injuriosas e expressavam, por conseguinte, uma intenção odiosa. A mão do criminoso é impelida pelo ódio de seu coração. A lei dispunha de castigos para o ato; o evangelho censurava a paixão malévolta em seu estado incipiente. Para realçar este princípio, o Mestre demonstrou que a ira não seria expiada por um sacrifício material; e, se alguém fosse levar ofertas ao altar e se lembrasse de que havia alguma inimizade com seu irmão, deveria primeiramente ir a este e reconciliar-se, mesmo que fosse preciso interromper a cerimônia, o que se constituía num incidente grave, segundo o critério dos sacerdotes. As diferenças e contendas devem ser resolvidas sem demora.

A lei proíbe o pecado terrível de adultério; Cristo disse que o pecado começaria no olhar voluptuoso, no pensamento sensual; e acrescentou que seria melhor tornarmo-nos cegos do que olhar com olhos maldosos; melhor seria perder uma das mãos do que obrar iniquamente. Sobre o assunto do divórcio, a respeito do qual havia demasiada liberdade naqueles dias, Jesus declarou que a não ser que fosse devido à mais séria ofensa de infidelidade aos votos conjugais, nenhum homem deveria divorciar-se de sua esposa, sem se tornar culpado de ofensa, pois ela, casando-se novamente, enquanto ainda injustamente divorciada, cometeria pecado, e assim o homem com quem contraísse segundas núpcias.

Há muito tempo fôra proibido fazer juramentos, exceto em solene convênio diante do Senhor; mas na dispensação do evangelho o Senhor proibiu que os homens jurassem, sob qualquer forma; e explicou a atrocidade de jurar em vão. Era grave pecado jurar pelo céu, que é a habitação de Deus, ou pela terra, que é Sua criação e à qual Ele chama o escabelo de Seus pés; ou por Jerusalém que era a cidade do grande Rei; ou pela cabeça de alguém, que é parte do corpo que Deus criou. A moderação no falar, decisão e simplicidade eram recomendadas, com exclusão das expletivas, profanação e juramentos.

O princípio de represália era tolerado, pelo qual era consentido, que o indivíduo injuriado exigisse ou infligisse um castigo da mesma natureza da ofensa. Portanto, exigia-se um olho pela perda de um olho, um dente por um dente, uma vida por uma vida. Cristo, ao contrário, ensinou que seria melhor sofrer do que agir mal, até mesmo chegar à submissão sem resistência sob certas condições implícitas. Suas ilustrações convincentes que se alguém fosse ferido numa face, deveria voltar a outra àquele que o ferira; que, se algum homem despojsse a túnica de outro por litígio, o que perdesse deveria permitir que lhe levasse a sua capa também; se alguém fosse obrigado a conduzir a carga

- n. Mat. 5:21-48; Lucas 6:27-36; compare 3 Nefi 12:21-48.
- o. Exo. 21:23-25; Lev. 24:17-22; Deut. 19:21.
- p. Compare com Lev. 19:18; Deut. 23:6 e Salmos 41:10.
- q. Compare com a lição ensinada pelo Mestre na Parábola do Joio, Mateus 13:24-30.

de outro por uma milha, deveria estar disposto a prosseguir por duas milhas; que dever-se-ia prontamente dar ou emprestar quando lhe fosse solicitado — não devem ser traduzidos como uma recomendação à subserviência a demandas injustas, nem tido por abrogação do princípio de defesa própria. E os apóstolos, reino com ministério pessoais e que ocasionalmente a obra por Bem-aventurados os seguidos por

Já se a teu inimigo teu inimigo que te odeia. Esta doutrina seus inimigos encontrados ensinado a de Deus; tolerância, este requisito que Ele é Deus, na pois que que Seu a chuva t. E, somente q. dam com mesmo os dos discípulos parte do tudo o que é perfeito

*Que a alegria do Natal
esteja em seu lar e que o
Novo Ano seja promissor*

Missão Brasileira

Na que por inferê necessidad dos home moda entr ofertas na pelos honra dade; e o há que, f imprensa, a atenção — grange fluência — mais do q o Mestre pensa. Re tais home Senhor, " esquerda feitas em pensará p

Com é hipócritas muitos q mesmo esc enquanto "Na verd

O que realmente ora — ora quase que exatamente como Cristo orou, ora para estabelecer uma comunhão com Deus a quem a oração se dirige — busca retiro, reclusão, isola-

- r. Nota 4, no fim do capítulo; veja também o capítulo 14 deste livro.
- s. Nota 5, no fim do capítulo.
- t. Mat. 6:1-18; compare com Luc. 11:2-4; 3 Nefi 13:1-18.
- u. Considere o incidente das ofertas do rico e o mito da viúva, Marcos 12:41-44; Lucas 21:1-4.

mento. Se a oportunidade permitir, retirar-se-á para seu aposento, e fechará a porta, para que ninguém o interrompa; para que possa realmente orar, se o espírito de oração estiver em seu coração; e isto foi recomendado pelo Senhor. Súplias prolixas, repetidas de benedições e redundâncias como as

Renove sua assinatura e dê sempre de presente a seus amigos uma assinatura da A LIAHONA.

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Doador, e nos tornamos humildes, agradecidos, contritos e confiantes em nossa petição. Embora o sol brilhe e a chuva caia sobre os justos e injustos, o homem reto fica agradecido

- v. Veja o começo do capítulo 3.
- x. Exodo 16:16-21.
- z. Observe a lição da parábola do Credor Incompassivo, Mateus 18:23-25.
- a. Compare com Mateus 7:6.

por estas bênçãos; o ímpio recebe os benefícios como algo natural com uma alma incapaz de sentir gratidão. A faculdade de sentir-se agradecido é uma bênção e mais ainda devemos estar agradecidos por possuí-la. Somos ensinados a orar diariamente pelo alimento que necessitamos, não por fartura que se possa armazenar para os dias futuros. Israel recebia alimentação diária de manhã enquanto viajava pelo deserto, que a fazia lembrar de confiar n'Aquêle de quem dependia. O homem na abundância esquece-se mais facilmente de sua dependência do que quando se acha restringido ao sustento diário que deverá pedir.

"E perdôa-nos as dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores." Aquêle que pode portanto orar desta maneira, com plena intenção e propósito sincero, merece o perdão. Nesta especificação de súplica pessoal somos ensinados a esperar apenas pelo que merecemos. Os egoístas e pecadores regozijar-se-ão com a isenção das dívidas legislativas, mas por serem egoístas e pecadores exigirão até o última seitil daqueles que lhe devem.² O perdão é uma pérola demasiado preciosa para ser atirada aos pés dos que não perdoam,³ e sem a sinceridade que nasce de um coração contrito, nenhum homem pode clamar justamente por misericórdia. Se outros nos devem algo, quer em espécie ou em mercadorias, como foi sugerido pelas palavras 'dívidas e devedores', quer por terem violado nossos direitos, de acôrdo com o significado mais extenso de transgressão — nossa maneira de tratá-los será considerada devidamente no julgamento de nossas próprias ofensas.

"E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal." A primeira parte desta petição tem ocasionado comentários e perguntas. Não somos induzidos a entender que Deus deixe um homem à mercê da tentação, exceto talvez, quando por sábia permissão, examiná-lo e prová-lo concedendo-lhe assim a oportunidade de sobrepujá-la e ganhar portanto maior força espiritual, a qual constitui o verdadeiro adiantamento no curso eterno do progresso. O objetivo principal de dispôr de corpos para os espíritos preexistentes da raça humana e avançá-los no estado mortal, foi para "ver se farão tudo o que o Senhor seu Deus lhes ordenar."^b O plano de mortalidade envolve a certeza das tentações. O intento da súplica parece ser o de sermos preservados da tentação além do que nossas forças débeis possam resistir; ou de não sermos abandonados à tentação sem o amparo divino que nos servirá de proteção completa até onde nos permita o exercício de nossa escolha.

Quão incongruente pois, ir, como muitos vão, a lugares onde são mais fortes as tentações às quais demonstramos maior susceptibilidade; que o homem vulnerável à paixão de bebidas fortes ore de tal forma e depois se dirija a uma cantina; que o homem cujos desejos são sensuais expresse tal oração e vá então ao lugar onde se inflame a luxúria; que o homem desonesto, apesar de pronunciar a oração, se coloque no lugar onde sabe que terá a oportunidade de roubar! Poderão almas como estas ser além de hipócritas ao pedir que Deus as livre dos males que procuraram? A tentação cairá sobre nosso caminho sem que a busquemos, e o mal se apresentará até no devido instante em que desejarmos praticar o bem; no entanto podemos orar para que sejamos libertos de tais coisas com esperança e certeza.

"Pois Teu é o reino, e o poder, e a glória, para todo o sempre. Amém." Conhecemos aqui a supremacia do Ser a quem nos dirigimos no início como sendo nosso Pai. Ele é o Todo-poderoso em que por intermédio de cuja providência nós vivemos e possuímos nossa existência. Afirmar que se é independente de Deus tanto é sacrilégio como blasfêmia; reconhecê-lo é um dever filial e confissão justa de sua majestade e domínio. A Oração do Senhor é encerrada com uma solene "Amém", testificando sua autenticidade como verdadeira expressão da alma suplicante; reunindo em sua extensão o significado de tudo o que fôra afirmado ou pensado. "Assim seja" é o significado literal da palavra Amém.

Do assunto sobre a oração o Mestre voltou-se ao do

- b. PGV, Abraão 3:25; veja também as notas do capítulo 2 deste livro.
- c. Atos 17:28.
- d. Compare os exemplos relacionados com a parábola dos fariseus e dos publicanos, Lucas 18:10-14.

podem ser consideradas equivalentes ao til que nasala as vogais, ao ponto sobre o "i", ou ainda ao traço que corta o "t". A primeira, o til, considera-se em português e em outras linguas algo mínimo, insignificante. Assim, o mínimo mandamento não poderia ser violado sem qualquer penalidade; entretanto, os discípulos foram alertados a cumprir os mandamentos não à maneira dos escribas e fariseus, cuja observância era revestida de exterioridade cerimonial, sem os elementos essenciais da genuína devoção; pois lhes foi assegurado que desta maneira insincera, não poderiam "entrar no reino dos céus".

EVANGELHO SUBSTITUI A LEIⁿ

A seção seguinte do sermão refere-se à superioridade do Evangelho de Cristo em relação à lei de Moisés, e compara requisitos que dispõe em determinados casos. Enquanto a lei proibia assassinato e dispunha de um castigo justo para o crime, Cristo ensinou que, ceder à ira, poderia levar alguém à violência ou até mesmo ao assassinato, já se constituindo pois em pecado. Ao uso malicioso de alcunhas ofensivas tais como "raca", levava o ofensor a ser castigado de acordo com os decretos do conselho; e chamar a um outro de "idiota" expunha o indivíduo "aos perigos do inferno". Estas alcunhas repreensíveis eram consideradas particularmente injuriosas e expressavam, por conseguinte, uma intenção odiosa. A mão do criminoso é impelida pelo ódio de seu coração. A lei dispunha de castigos para o ato; o evangelho censurava a paixão malévola em seu estado incipiente. Para realçar este princípio, o Mestre demonstrou que a ira não seria expiada por um sacrifício material; e, se alguém fosse levar ofertas ao altar e se lembrasse de que havia alguma inimizade com seu irmão, deveria primeiramente ir a este e reconciliar-se, mesmo que fosse preciso interromper a cerimônia, o que se constituia num incidente grave, segundo o critério dos sacerdotes. As diferenças e contendas devem ser resolvidas sem demora.

A lei proíbe o pecado terrível de adultério; Cristo disse que o pecado começaria no olhar voluptuoso, no pensamento sensual; e acrescentou que seria melhor tornarmo-nos cegos do que olhar com olhos maldosos; melhor seria perder uma das mãos do que obrar iniquamente. Sobre o assunto do divórcio, a respeito do qual havia demasiada liberdade naqueles dias, Jesus declarou que a não ser que fosse devido à mais séria ofensa de infidelidade aos votos conjugais, nenhum homem deveria divorciar-se de sua esposa, sem se tornar culpado de ofensa, pois ela, casando-se novamente, enquanto ainda injustamente divorciada, cometeria pecado, e assim o homem com quem contrairse segundas núpcias.

Há muito tempo fôra proibido fazer juramentos, exceto em solene convênio diante do Senhor; mas na dispensação do evangelho o Senhor proibiu que os homens jurassem, sob qualquer forma; e explicou a atrocidade de jurar em vão. Era grave pecado jurar pelo céu, que é a habitação de Deus, ou pela terra, que é Sua criação e à qual Ele chama o escabelo de Seus pés; ou por Jerusalém que era a cidade do grande Rei; ou pela cabeça de alguém, que é parte do corpo que Deus criou. A moderação no falar, decisão e simplicidade eram recomendadas, com exclusão das expletivas, profanação e juramentos.

O princípio de represália era tolerado, pelo qual era consentido, que o indivíduo injuriado exigisse ou infligisse um castigo da mesma natureza da ofensa. Portanto, exigia-se um olho pela perda de um olho, um dente por um dente, uma vida por uma vida. Cristo, ao contrário, ensinou que seria melhor sofrer do que agir mal, até mesmo chegar à submissão sem resistência sob certas condições implícitas. Suas ilustrações convincentes que se alguém fosse ferido numa face, deveria voltar a outra àquele que o ferira; que, se algum homem despojasse a túnica de outro por litígio, o que perdesse deveria permitir que lhe levasse a sua capa também; se alguém fosse obrigado a conduzir a carga

- n. Mat. 5:21-48; Lucas 6:27-36; compare 3 Nefi 12:21-48.
- o. Exo. 21:23-25; Lev. 24:17-22; Deut. 19:21.
- p. Compare com Lev. 19:18; Deut. 23:6 e Salmos 41:10.
- q. Compare com a lição ensinada pelo Mestre na Parábola do Joio, Mateus 13:24-30.

de outro por uma milha, deveria estar disposto a prosseguir por duas milhas; que dever-se-ia prontamente dar ou emprestar quando lhe fosse solicitado — não devem ser traduzidos como uma recomendação à subserviência a demandas injustas, nem tido por abnegação do princípio de defesa própria. E os apóstolos, reino com ministério pessoais e que ocasião a obra por Bem-aventurados os seguidos por

Já se o a teu inimigo teu inimigo que te odeia Esta doutrina seus inimigos encontrada ensinado a de Deus; tolerância, este requisito que Ele ir Deus, na s pois que o que Seu s a chuva ta tos. E, a somente qu dam com mesmo os dos discipu parte do o tudo o que é perfeito

Na qu por inferê necessitad dos homen moda entr ofertas na pelos homi dade; e o há que, fa imprensa, a atenção — granges fluência — mais do qu o Mestre o pensa. Rec tais homer Senhor, "t esquerda c feitas em pensará p

Com ê: hipócritas muitos qu mesmo esq enquanto "Na verda

O que realmente ora — ora quase que exatamente como Cristo orou, ora para estabelecer uma comunhão com Deus a quem a oração se dirige — busca retiro, reclusão, isola-

- r. Nota 4, no fim do capítulo; veja também o capítulo 14 deste livro.
- s. Nota 5, no fim do capítulo.
- t. Mat. 6:1-18; compare com Luc. 11:2-4; 3 Nefi 13:1-18.
- u. Considere o incidente das ofertas do rico e o mito da viúva, Marcos 12:41-44; Lucas 21:1-4.

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

Estado

Distrito

Nome

Enderêço

Cidade

Ramo

mento. Se a oportunidade permitir, retirar-se-á para seu aposento, e fechará a porta, para que ninguém o interrompa; para que possa realmente orar, se o espírito de oração estiver em seu coração; e isto foi recomendado pelo Senhor. Súplicas prolixas, repletas de repetições e redundâncias como as que usavam os pagãos, pensando que suas divindades idólatras se agradariam do seu muito falar, eram proibidas.

É bom saber-se que a oração não é composta de palavras, palavras estas que possam falhar em expressar o que se deseja dizer, palavras muitas das quais são por vezes inconsistentemente disfarçadas, palavras que não têm mais profundidade do que os órgãos físicos da fala, palavras que são pronunciadas para impressionar os ouvidos mortais. O mudo pode orar, e essa é a eloquência que prevalece no céu. A oração é constituída de pulsações do coração e de justos anseios d'alma, de súplica baseada na realização das necessidades, de contrição e desejo sincero. Se algum homem tiver vivido sem nunca ter orado, é um sêr aparte da ordem divina em natureza humana, um estranho na família dos filhos de Deus. A oração é para a edificação do suplicante. Deus sem nossas orações seria Deus; mas nós, sem a oração não poderíamos ser admitidos no Reino de Deus. Assim instruiu Cristo: "Vosso Pai sabe do que tendes necessidade, mesmo antes de que o peçais."

Para aqueles que buscavam sabedoria a Seus pés, deulhes então uma oração modelo dizendo: "Vós, porém deveis orar assim: "Pai nosso que estais no Céu, santificado seja Tu nome."

Com tal afirmativa reconhecemos a relação que existe entre nós e nosso Pai Celestial, e enquanto reverenciamos Seu grande e Santo Nome, nos valem do inestimável privilégio de nos aproximarmos d'Ele, não tanto com o conceito de sua glória infinita como o Criador de todas as coisas, porém com o entendimento afetuoso de que Ele é o Pai, e nós, Seus filhos. Esta antiga passagem bíblica nos instrui, permite, ou garante o tratamento direto dirigido a Deus como "Pai Nosso". Por meio dela, é expressa a reconciliação que a família humana, desviada pelo pecado, possa conseguir o que lhes foi proporcionado por meio de seu bem-amado Filho. Esta instrução é igualmente decisiva em demonstrar a irmandade entre Cristo e a humanidade. Assim como Ele orou, da mesma forma nós oramos ao mesmo Pai, nós como irmãos e Cristo como nosso Irmão Mais Velho.

"Venha a nós o Teu reino. Seja feita a Tua vontade na terra, como no céu." O reino de Deus deve ser um reino de ordem, no qual a tolerância e o reconhecimento dos direitos individuais prevalecerão.

Aquêle que realmente ora para que venha tal reino, se esforçará por acelerar sua vinda vivendo de acôrdo com as leis de Deus. Seu esforço será o de manter a harmonia com a ordem do reino, sujeitando a carne ao espírito, e egoísmo ao altruísmo, e aprendendo a amar as coisas que Deus ama. Fazer a vontade do Deus supremo na terra assim como é feita no Céu, significa aliar-nos a Deus nos assuntos da vida. Muitos há que, professam a crença de que sendo Deus Onipotente, tudo o que existe, está de acôrdo com Sua vontade. Tal suposição não concorda com as Escrituras, nem com a razão e é falsa.^u A maldade não está em harmonia com Sua vontade; a mentira, a hipocrisia, o vício e o crime não são os dons de Deus, concedidos ao homem. Por sua vontade, estas monstruosidades que se desenvolveram de horrendas deformidades na vida e natureza humanas serão abolidas, a esta consumação abençoada será efetuada quando os homens, por sua própria escolha, sem conceder ou abrogar o direito do livre arbítrio, cumprirão a vontade de Deus.

"Dá-nos o pão de cada dia." O alimento é indispensável à vida. Como necessitamos dele, devemos pedi-lo. É certo que o Pai conhece nossas necessidades mesmo antes que Lhe peçamos, porém ao pedir nós O reconhecemos como o grande Doador, e nos tornamos humildes, agradecidos, contritos e confiantes em nossa petição. Embora o sol brilhe e a chuva caia sobre os justos e injustos, o homem reto fica agradecido

v. Veja o começo do capítulo 3.

x. Exodo 16:16-21.

z. Observe a lição da parábola do Credor Incompassivo, Mateus 18:23-25.

a. Compare com Mateus 7:6.

por estas bênçãos; o ímpio recebe os benefícios como algo natural com uma alma incapaz de sentir gratidão. A faculdade de sentir-se agradecido é uma bênção e mais ainda devemos estar agradecidos por possuí-la. Somos ensinados a orar diariamente pelo alimento que necessitamos, não por fartura que se possa armazenar para os dias futuros. Israel recebia alimentação diária de maná enquanto viajava pelo deserto, que a fazia lembrar de confiar n'Aquêle de quem dependia. O homem na abundância esquece-se mais facilmente de sua dependência do que quando se acha restringido ao sustento diário que deverá pedir.

"E perdôa-nos as dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores." Aquêle que pode portanto orar desta maneira, com plena intenção e propósito sincero, merece o perdão. Nesta especificação de súplica pessoal somos ensinados a esperar apenas pelo que merecemos. Os egoístas e pecadores regozijar-se-ão com a isenção das dívidas legislativas, mas por serem egoístas e pecadores exigirão até o última seitil daqueles que lhe devem.^z O perdão é uma pérola demasiado preciosa para ser atirada aos pés dos que não perdoam,^a e sem a sinceridade que nasce de um coração contrito, nenhum homem pode clamar justamente por misericórdia. Se outros nos devem algo, quer em espécie ou em mercadorias, como foi sugerido pelas palavras 'dívidas e devedores', quer por terem violado nossos direitos, de acôrdo com o significado mais extenso de transgressão — nossa maneira de tratá-los será considerada devidamente no julgamento de nossas próprias ofensas.

"E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal." A primeira parte desta petição tem ocasionado comentários e perguntas. Não somos induzidos a entender que Deus deixe um homem à mercê da tentação, exceto talvez, quando por sábia permissão, examiná-lo e prová-lo concedendo-lhe assim a oportunidade de sobrepujá-la e ganhar portanto maior força espiritual, a qual constitui o verdadeiro adiantamento no curso eterno do progresso. O objetivo principal de dispôr de corpos para os espíritos preexistentes da raça humana e avançá-los no estado mortal, foi para "ver se farão tudo o que o Senhor seu Deus lhes ordenar."^b O plano de mortalidade envolve a certeza das tentações. O intento da súplica parece ser o de sermos preservados da tentação além do que nossas forças débeis possam resistir; ou de não sermos abandonados à tentação sem o amparo divino que nos servirá de proteção completa até onde nos permita o exercício de nossa escolha.

Quão incongruente pois, ir, como muitos vão, a lugares onde são mais fortes as tentações às quais demonstramos maior susceptibilidade; que o homem vulnerável à paixão de bebidas fortes ore de tal forma e depois se dirija a uma cantina; que o homem cujos desejos são sensuais expresse tal oração e vá então ao lugar onde se inflame a luxúria; que o homem desonesto, apesar de pronunciar a oração, se coloque no lugar onde sabe que terá a oportunidade de roubar! Poderão almas como estas ser além de hipócritas ao pedir que Deus as livre dos males que procuraram? A tentação cairá sobre nosso caminho sem que a busquemos, e o mal se apresentará até no devido instante em que desejarmos praticar o bem; no entanto podemos orar para que sejamos libertos de tais coisas com esperança e certeza.

"Pois Teu é o reino, e o poder, e a glória, para todo o sempre. Amém." Conhecemos aqui a supremacia do Ser a quem nos dirigimos no início como sendo nosso Pai. Ele é o Todo-poderoso em que por intermédio de cuja providência nós vivemos e possuímos nossa existência. Afirmar que se é independente de Deus tanto é sacrilégio como blasfêmia; reconhecê-lo é um dever filial e confissão justa de sua majestade e domínio. A Oração do Senhor é encerrada com um solene "Amém", testificando sua autenticidade como verdadeira expressão da alma suplicante; reunindo em sua extensão o significado de tudo o que fôra afirmado ou pensado. "Assim seja" é o significado literal da palavra Amém.

Do assunto sobre a oração o Mestre voltou-se ao do

b. PGV, Abraão 3:25; veja também as notas do capítulo 2 deste livro.

c. Atos 17:28.

d. Compare os exemplos relacionados com a parábola dos fariseus e dos publicanos, Lucas 18:10-14.

jejum, e realçou a importante verdade de que, para ter vantagem, o jejum deve ser um assunto entre o homem e Deus, e não entre o homem e sua espécie. Era comum no tempo do Mestre os homens fazerem alarido de sua abstinência como que ostentando sua piedade fingida.^e Para que se mostrassem desfigurados e macilentos, com seus cabelos desalinhados e transparecendo semblantes tristonhos. Dêstes, também falou o Senhor, "Na verdade, vos digo, que eles já tiveram sua recompensa." Os crentes foram admoestados a jejuar em sigilo, sem demonstração exterior, e para fazê-lo diretamente a Deus, que pode ver em secreto e aceitaria seu sacrifício e oração.

TESOUROS DA TERRA E DO CÉU^e

A seguir contratou a natureza transitória dos bens materiais com as riquezas duradouras da eternidade. Tem havido muitos e ainda há muitos cujos principais esforços tem sido o de acumular os tesouros da terra, a mera posse do que implica em responsabilidade, cuidado e ansiedade inquietadora. Algumas espécies de riquezas correm o risco de serem corroidas pelas traças, como as sedas e os veludos, os setins e as peles; outras são destruídas pela corrosão e ferrugem — a prata, o cobre e o aço; e por outro lado, alguns dêstes e outros, se tornam por vêzes, pilhagem de larápios. Infinitamente mais preciosos são os tesouros de uma vida bem empenhada, as riquezas das boas ações que são registradas nos céus, onde as obras de retidão estarão a salvo dos espólios de ladrões, da ferrugem, da traça e dos assaltantes. Então disse: "Pois onde estiver teu tesouro, aí estará também o teu coração."

A luz espiritual se mostra mais intensa do que qualquer iluminação física. Que proveito pode tirar o homem que é cego da mais brilhante luz? É o olho material que discerne a luz da vela ou lampião do sol; e o olho espiritual vê através da luz espiritual; e se o olho espiritual fôr límpido, isto é, puro e sem a ofuscação do pecado, encher-se-á da luz que lhe mostrará o caminho que conduz a Deus; mas, se por outro lado o olho de sua alma fôr malévolos, se cobrirá de escuridão completa. Uma precaução solene é expressa no sumário: "Portanto se a luz que estiver dentro de ti fôr obscura, quão grandes serão as trevas!" O Mestre estava se dirigindo àquêles que possuem a luz divina; o grau de crença que já tinham professado era uma prova disso. Se eles se desviassem da grande empresa em que se haviam lançado, a luz se perderia, e a escuridão resultante seria mais densa do que aquela da qual haviam sido libertados.^f Não poderia haver nenhuma indecisão entre seus discípulos. Nenhum dêles poderia servir a dois amos; se assim o fizessem seriam servos infiéis ou a um, ou aos outros. Seguiu-se então outra generalização profunda: "Não podeis servir a Deus e às riquezas."^g

Foram instruídos a confiarem no Pai para o que necessitassem, sem preocupar-se com o alimento, a bebida ou a roupa, ou mesmo com a vida, pois tudo lhes seria concedido por meio do poder superior que eles não podiam controlar. Com a sabedoria de um Professor dos Professores, o Mestre tocou seus corações e sua compreensão ao citar as lições da natureza, em linguagem simples, porém de enérgica eloquência, que ampliá-la ou condensá-la seria empanar-lhe o brilho:

"Considerai as aves do campo, que nem semeiam, nem segam, nem têm despesa nem celeiro e Deus as alimenta. Quanto mais vales vós do que as aves? E qual de vós sendo solícito, pode acrescentar um Côvado a sua estatura? Pois, se nem ainda podeis as coisas mínimas, por que estais ansiosos pelas outras? Considerai os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham, nem fiam; e digo-vos que nem ainda Salomão, em toda sua glória, se vestiu como um dêles."

A fraqueza de fé foi reprovada, levando-os a recordar que o Pai que Se preocupava até mesmo pela erva do campo,

e. Mateus 6:19-34; compare com Lucas 12:24-34; 16:13; 18:22; 3 Nefi 13:19-34.

f. Lucas 11:34-36.

g. Compare com Gálatas 1:10; 1 Tim. 6:17; Tiago 4:4; veja também 1 João 2:15.

h. Mateus 7:1-5; Veja Lucas 6:37,38,41,42; e compare também com 3 Nefi 14:1-5.

que floresce num dia, e no outro é recolhida para ser queimada, não faharia em Se lembrar dos Seus. Portanto o Mestre acrescentou: "Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas."

UMA VEZ MAIS A HIPOCRISIA É CONDENADA^h

Os homens estão sempre propensos a julgar seus semelhantes e a louvar e censurar sem a devida consideração do fato ou circunstância. O Mestre demonstrou desaprovacão aos julgamentos precipitados ou infundados. "Não julgueis, para que nao sejais julgados", admoestou Ele, pois de acordo com o juízo que fizer dos outros, êle também sera julgado. O homem que está sempre pronto a corrigir as faltas de seu irmao, a remover o argueiro do ôlho de seu vizinho para que êste possa ver as coisas tais como o amigo interessado e intrometido quer que as veja, foi denunciado como sendo um hipocrita. Que era o arqueiro na visao de seu vizinho em comparacão com a trave que lhe obscurecia o próprio ôlho? Acaso os séculos que se transcorreram desde o tempo de Cristo até hoje nos tornaram mais atentos a ponto de curar a visao deficiente dos que não podem ou não querem aceitar nosso ponto de vista, e ver as coisas como nós as vemos?

Estes discípulos, alguns dos quais iam logo administrar sob a autoridade do Santo Apostolado, foram prevenidos contra a não espalhar indiscreta e indiscriminadamente as verdades sagradas e os preceitos que lhes eram atribuídos. Seu dever seria apenas discernir os espiritos daquêles a quem iriam ensinar e instruí-los com prudência. As palavras do Mestre foram vigorosas: "Não deis o que é santo aos cães, nem deiteis pérolas aos porcos, para que não aconteça que as pisem com os pés e, voltando-se vos espedacem."ⁱ

PROMESSA E REAFIRMAÇÃO^j

Segue-se a rica promessa de que suas petições seriam ouvidas e contestadas. Deveriam pedir e receberiam; deveriam bater e se lhes abriria. Certamente que o Pai Celestial não os consideraria menos do que um pai humano; e qual o pai cujo filho lhe pedisse pão lhe daria êle uma pedra, ou uma serpente quando lhe pedisse um peixe? Com maior certeza Deus derramaria dons inestimáveis sobre aquêles que pedissem com fé de acôrdo com suas necessidades: "Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas."

Fêz-se a comparacão entre a vereda estreita e reta pela qual o homem pode andar em santidade e o largo e espaçoso caminho que conduz à destruição. Deveriam apartar-se dos falsos profetas, como os que haviam permanecido entre o povo, semelhantes às ovelhas em sua dissimulação, e na realidade comparáveis a lobos vorazes. Seriam reconhecidos pelas obras e os consequentes resultados, da mesma forma que a árvore é julgada benéfica ou maléfica de acôrdo com seus frutos. Um arbusto espinhoso não pode produzir uvas, nem os abrolhos dão figos. Assim também se aplica o reverso, é verdadeiramente impossível que uma árvore boa produza maus frutos, como uma árvore inútil e corrupta produza bons frutos.

Religião é mais do que confissão e devoção pronunciadas pelos lábios. Jesus afirmou que no dia do julgamento muitos fingiriam ser-Lhe fiéis e diriam: Senhor, Senhor, não temos acaso profetizado em Teu nome? e em Teu nome temos expulsado demônios? e em Teu nome não operamos nós tão maravilhosas obras? E então Eu lhes declararei: "Nunca vos conheci: apartai-vos, vós que praticai iniquidade!" Sômente ao cumprir a vontade do Pai é que se obtém a graça redentora do Filho. A aparência de falar e agir no nome do Senhor sem que a autoridade, lhes seja outorgada, da única

i. Mat. 7:6; compare com 3 Nefi 14:6.

j. Mat. 7:7-23; Lucas 6:43-44; 46; 11:9-13; 13:24-30; compare com 3 Nefi 14:7-23.

l. Leia os capítulos pertinentes de Regras de Fé, do mesmo autor.

m. Mat. 7:24-29; Veja Lucas 6:46-49; compare também com 3 Nefi 14:24-27.

maneira que somente o Senhor pode fazê-lo, é adicionar sacrilégio à hipocrisia. Até os milagres realizados não servirão de justificativa aos clamores dos que fingem administrar as ordenanças do evangelho quando prescindem da autoridade do Santo Sacerdócio.¹

OUVIR E PRATICAR

O Sermão da Montanha tem permanecido através dos anos desde que foi pronunciado, sem que haja existido um outro que se lhe possa comparar. Nenhum homem mortal jamais pregou um discurso de tal envergadura. O espírito que se manifesta por toda sua prédica é de tal sinceridade e ação que se opõe a vã teologia e negligência. Nas sentenças

N O T A S

1. *Lugar e Momento do Sermão da Montanha.* — Mateus menciona o discurso na primeira parte de seu evangelho, colocando-o antes da crônica de seu próprio chamado do assento dos tribunais — chamado que certamente antecedeu à ordenação dos Doze como corpo — e antes de sua narração de muitas das palavras e feitos do Senhor, que já temos considerado nestas páginas. O sumário parcial que Lucas faz do sermão vem em seguida ao seu registro da ordenação dos apóstolos. Mateus nos diz que Jesus subira ao monte e que se sentou para falar; a narração de Lucas sugere que Jesus e os Doze primeiramente desceram do monte a um lugar plano, onde encontraram a multidão, e que Jesus dirigiu o discurso de pé. Os críticos que se apegam a minuciosidades, por vezes negligenciando os assuntos vitais, pretendem dar muito relevo a estas variações aparentes. Não seria bem provável que Jesus tivesse falado por extenso de sobre o monte aos discípulos ali presentes, e dentre os quais elegeram os Doze, e ao concluir sua prédica desceu com Eles ao plano onde se havia reunido a multidão, repetindo-lhes o que dissera anteriormente? A relativa amplitude do relato de Mateus pode-se ter dado ao fato de que ele, como um dos Doze, esteve presente na ocasião do mais extenso discurso, pronunciado antes.

2. *Prazer versus Felicidade.* — A presente era está ávida de prazeres, e os homens estão perdendo sua sanidade em busca tresloucada de sensações que apenas emocionam e desaparecem. Neste tempo de falsificações, adultérios e imitações vis, o demônio está mais ocupado do que qualquer outra época da história humana, inventando prazeres, antigos assim como novos; e oferece tais prazeres do mais atraente modo, à venda sob o falso nome de Felicidade. Nesta oportunidade destruidora de almas ele não tem rival; tem praticado durante séculos suas experiências, e por sua habilidade controla o mercado. Aprendeu os truques do comércio, e sabe bem como atrair a atenção e despertar o desejo de seus fregueses ou clientes. Envolve seus artifícios em pacotes de cores brilhantes, atados com cordões de ouro e borlas; e multidões se apinham em seus balcões, para adquirir suas pechinchas, empurrando-se e comprimindo-se uns aos outros em sua fúria de comprar.

"Sigamos a um dos compradores que vai todo ufano com seu pacote aparatoso, e observêmo-lo enquanto o abre. O que encontra ele dentro do envoltório dourado? Esperava encontrar a felicidade fragrante, no entanto descobre apenas uma classe inferior de prazer fétido que causa náuseas.

"Felicidade inclui tudo aquilo que é realmente desejável e de valor genuíno no prazer, e muito mais do que isso. Felicidade é ouro autêntico, o prazer latão de cor dourada apenas, que se oxida na mão e logo se converte em veneno azinhavre. Felicidade é semelhante ao diamante puro, quer bruto ou polido, reluz com seu próprio brilho inimitável; o prazer é uma imitação de pasta que somente brilha quando artificialmente embelezada. Felicidade é como o rubi, escarlate como o sangue do coração, duro e resistente; o prazer como o vidro manchado, frágil, quebradiço e de beleza transitória.

Felicidade é o alimento verdadeiro, são, nutritivo e doce; constrói o corpo e gera energia para a ação, física, mental e espiritual; o prazer é somente um estimulante enganoso, que como a bebida espirituosa faz crer que é forte quando

finalis o Senhor declara a inutilidade de somente ouvir-se, em oposição, a eficácia da ação. O homem que ouve e pratica é comparado ao construtor prudente que estabeleceu os alicerces de sua casa sobre uma rocha; e apesar da chuva, dos ventos e das inundações, a casa se susteve firme. O que escuta e não obedece é semelhante ao insensato que construiu sua casa sobre a areia; e quando a chuva caiu, ou os ventos sopraram, cedeu ela, e grande foi sua ruína.

Este gênero de doutrina assombrou o povo. O Pregador não havia proclamado além de Sua própria autoridade para seus ensinamentos singulares. Suas palavras eram isentas de toda pompa de precedentes rabínicos; o evangelho havia substituído a lei: "Porque os ensinava como alguém que possui autoridade, e não como os escribas."

na realidade enfraquece; fá-lo parecer bem quando de fato está atacado de moléstia mortal.

"Felicidade não deixa um sabor amargo na boca, não vem acompanhada de uma reação deprimente; não exige arrependimento, não traz remorsos, nem contrição; o prazer com freqüência torna necessário o arrependimento, a contrição e o sofrimento; e se lhe dá rédeas soltas, leva à degradação e destruição.

"A verdadeira felicidade é revivida por vezes na memória, sempre renovando o bem original. Um momento de prazer ímpio pode causar uma ferida que, como o espinho na carne, é uma fonte sempre existente de angústia.

"Felicidade não tem relação alguma com leviandade, nem é semelhante à jovialidade passageira. Origina-se nas mais profundas fontes da alma, e com freqüência vem acompanhada de lágrimas. Já sentistes alguma vez tão felizes que tivestes que chorar? Sim". De um artigo de *The Improvement Era*, vol. 17, n° 2, pp. 172-173, deste mesmo autor.

3. *O sal da Terra.* — O comentário de Dummelow, sobre Mateus afirma o seguinte: "O sal na Palestina, é colhido em seu estado impuro, e passa freqüentemente por transformações químicas nas quais perde o seu sabor, conservando porém sua aparência. Talvez uma explicação razoável dessa expressão, 'se o sal perder o sabor', pode sugerir que o sal ao ser misturado com impurezas insolúveis dissolve-se por umidade deixando os resíduos insolúveis com tênue gosto de sal. A lição da ilustração do Senhor conclui que o sal deteriorado não tem valor algum como preservativo. A passagem correspondente no sermão dirigido por Jesus aos Nefitas depois de Sua ressurreição diz: 'Na verdade, na verdade vos digo, que concedo serdes o sal da terra, mas se o sal perder o seu sabor, com que será a terra salgada? O sal será desde então imprestável e só servirá para ser tirado fora e pisado pelos pés dos homens.'" (3 Nefi 12:13.)

4. *Referência aos publicanos.* — Notemos que Mateus, que havia sido um publicano, faz esta referência francamente (5: 46, 47) a esta classe desprezada. Lucas refere-se a "pecadores" em lugar de "publicanos" (6:32-34). Claro é que os relatos dos dois escritores se referem a discursos distintos, (Veja-se a nota 1 acima) sendo ambos exatos. Mas encontramos Mateus referindo-se a si mesmo como sendo um publicano em sua lista de apóstolos (10:3) e a omissão considerada do título invejado por outros evangelistas (Marcos 3:18; Lucas 6:15).

5. *Perfeição Relativa.* — A admoestação de nosso Senhor aos homens para que se tornassem perfeitos, assim como era perfeito o Pai (Mat. 5:48) não pode ser interpretada de outra maneira senão através da possibilidade de tal realização. É evidente, inicialmente que o homem não pode se tornar perfeito na mortalidade no sentido de que Deus é perfeito como Ser sumamente glorificado. No entanto é possível que o homem seja perfeito em sua esfera num sentido análogo àquele no qual as inteligências superiores são perfeitas em suas diversas esferas; contudo a perfeição relativa do mais baixo é infinitamente inferior a dos mais altos. Um aluno universitário no primeiro ou segundo ano pode ser perfeito; suas notas de aproveitamento provavelmente serão cem por cento segundo a escala de sua eficiência e realização; entretanto as notas dos alunos mais adiantados estão fora de seu alcance, mas atingirá a formatura que ainda é remota, porém certa se apenas continuar fiel e dedicado até o fim.

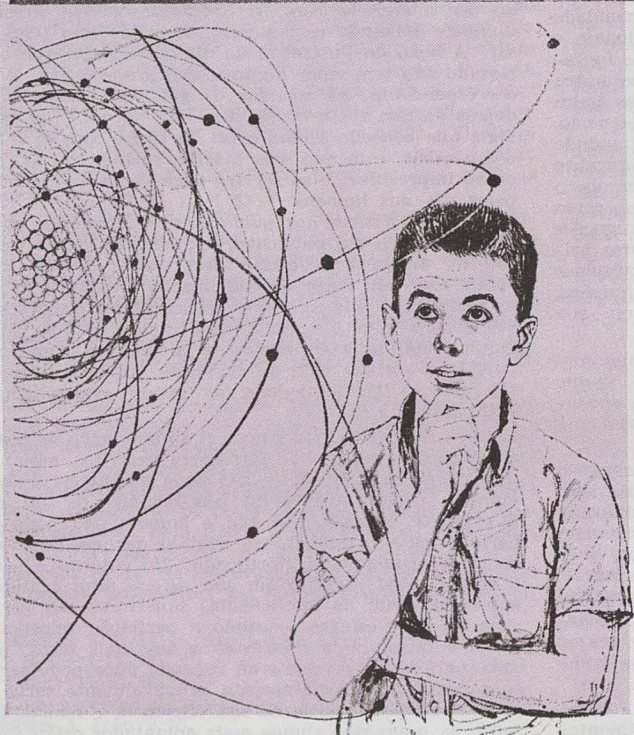
Se eu fosse você

Henry Eyring

SACERDOCIO

NAS

MISSÕES



Conselho

aos

Jovens

Sacerdotes

Cada geração deve encontrar seus próprios problemas especiais. A I Guerra Mundial terminou quando eu tinha dezessete anos; eu a perdi, mas observei seus efeitos em amigos e vizinhos. Muitos veteranos retornaram da guerra envelhecidos para sua idade, amadurecidos pela tensão e sofrimento. Promessas de viver melhor, feitas no climax da batalha, eram geralmente cumpridas. Em 1918, depois da guerra haver terminado, uma grande epidemia de influenza varreu o mundo, derrubando fracos e fortes, indistintamente. Isto foi o prelúdio do florescimento da década de vinte. Realmente, a vida prosseguiu, tanto antes como agora. O velho aconselhava o jovem e era polidamente ignorado. Eu recordei que em 1919, numa conferência na Universidade do Arizona, os membros da classe de 1902 proferiram sua palestra aos estudantes. Aborrecido, pareceu-me que alguns genuínos fossem teriam sido mais instrutivos e interessantes. Afinal, como podiam esses homens entender os problemas de estudantes vinte anos mais jovens? Não tendo aprendido coisa alguma, agora eu lhes ofereço meu conselho.

Ninguém, na realidade, amadurece completamente enquanto haja ainda, picos mais altos a serem escalados. Se cada dia traz um novo desafio, com a oportunidade de lançarmos nossos melhores esforços contra um ambiente hostil, a vida torna-se tão interessante e tumultuosa aos sessenta quanto aos vinte anos. "Ah, mas se a ambição do homem não deveria exceder seu alcance, para que, então, o céu?" Planeje grandes coisas e aceite a derrota somente como outro degrau na escada do sucesso. Afortunado é o homem ou a mulher que encontram tais desafios no seu trabalho diário. Juventude é a época para fazer-se um roteiro, a fim de que o caminho a seguir seja cada vez mais alto. Objetivos há que são para lembrar desafios como se a força de cada um deva prolongar-se além da mortalidade e além de si mesmo. "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. É o segundo, semelhante a este, é: ama-

rás o teu próximo como a ti mesmo". (Mateus 22:37-39.) A segurança da vida por vir dá um significado à mortalidade, o qual ela não pode possuir sem essa segurança.

Se eu fosse você, eu resolveria viver de tal maneira, que não tivesse nada a esconder. Não há caminho mais certo para não ter nada a lamentar.

O mais antecipado pode encontrar uma resposta viável para a pergunta de Poncio Pilatos: "O que é a verdade?" (João 18:38.) O mais prudente pode superar os obstáculos da vida e encetar a viagem principal. Muito poucas sentenças são suficientes para demonstrar a filosofia simples que me guia. Este universo magnífico funciona em acordância com um plano total. O Planejador é tão grande como ele só e tem interesse mesmo em mim. Por causa deste interesse, o homem aqui está de acordo com o propósito divino. É óbvio que os indivíduos nascem sob circunstâncias desiguais e ordinariamente falham em aceitar a justiça na sua vida, assim, é natural para mim crer na imortalidade que alcança esta justiça. Desde que um Deus todo poderoso pode comunicar-se com os homens, para a vantagem dos mesmos, tal comunicação é de ser esperada. A Igreja de Jesus Cristo, que foi restaurada pelo Profeta Joseph Smith, é este plano de comunicação que guia para o progresso eterno. Crendo neste destino total, eu ainda posso alcançá-lo apenas por uma infinidade de decisões tomadas uma de cada vez.

Se eu fosse você, eu manteria este plano em mente, acreditando que, se todas as pequenas coisas são bem executadas, uma a uma, as grandes coisas conseqüentemente acontecerão.

NOTA BIOGRÁFICA

Dr. Eyring é deão da Graduate School e professor de química na Universidade de Utah. Publicou cerca de trezentos artigos em jornais e recebeu o grau de Honorary Doctor Science nas Universidades de Princeton, Utah e Northwestern. Como membro do Conselho Geral da Deseret Sunday School Union, ele é presentemente presidente da Sociedade Química Americana.

DEUS NOS FALA COM AMOR

Irineu Silveira Petry

Lamentavelmente o homem põe sua própria marca em tudo quanto participa.

E sua marca preponderante é a intolerância e a incompreensão. Como seus irmãos da antiga lei, ainda hoje eles não discernem o espírito da letra. Ainda hoje preferem destruir seus inimigos a amá-los. Esquecem-se da admoestação do Cristo: "Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem." (Mat. 5:44.)

Quando Cristo disse isso não levantou o dedo nem franziu o cenho. Mas, por certo, falou mansamente com profundo amor na voz.

Consideremos, portanto, que Deus sempre nos fala com infinito amor e que Seus mandamentos são conselhos paternais, de um pai amoroso que se preocupa tão somente com nossa segurança e felicidade terrenas.

Já ouviram o murmurar carinhoso de u'a mãe dedicada que está ensinando o filhinho pequenino, olhando-o com infinita doçura?

Os nossos irmãos da antiga lei foram exaustivamente solicitados a essa compreensão do amor: "... senão, que temas o Senhor teu Deus, andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, para guardares os mandamentos do Senhor, e os seus estatutos, que hoje te ordeno para o teu bem?" (Deut. 10:12-13.)

Se lermos o trecho acima com voz carinhosa teremos em nossos ouvidos a verdadeira voz de nosso Pai celestial, que é Pai de amor.

"...os juízos do Senhor... são mais doces do que o mel e o destilar dos favos..." (Salmos 19:9-10.)

É quase incompreensível porque, então, os filhos de Deus se rebelam

contra os seus juízos. Insensato é o homem que, descendo com seu carro uma serra perigosa, não atende aos sinais de segurança, pois, sem dúvida, lançar-se-á contra os cabos de aço que circundam o precipício. Os mandamentos (juízos) que o Senhor colocou ao longo de nosso caminho terreal nada mais são do que cabos de segurança à beira dos precipícios que Satanás nos arma ao longo da estrada que conduz ao nosso lar celestial.

Quando o Senhor nos diz: "Não matarás, e não adulterarás e não furtarás..." (Deut. 5:17-19), por certo não o diz com uma voz cheia de rancor e ameaças, mas, sim, compassivamente. Infelizmente os filhos dos homens, ao lerem os mandamentos transmitem-lhes sua própria intolerância e falta de amor: — Não matarás! Não adulterarás! Não furtarás!, e os ensinam com tal rigor como se fôsem os próprios árbitros da Lei. Boa lição tiramos das escrituras para ilustrar esse tipo de espírito que domina os filhos dos homens sempre que, quando pregadores da palavra de Deus, também julgam-se Seu árbitro:

"E mandou mensageiros diante da sua face; e indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos, para lhes preparar pousada, mas, não o receberam... e seus discípulos Tiago e João vendo isto, disseram: Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também o fez?" (Luc. 9:52-54).

Mas, o admirável ensinamento de Cristo não tardou. "Voltando-Se, porém, repreendeu-os, e disse: Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas, para salvá-las..." (Idem vs. 55 e 56).

Que a voz de Deus é mais doce do que o mel e o destilar de favos,

Cristo o reafirma: "Não veio esta voz por amor de mim, mas, por amor de vós." (João 12:30)

"Ou qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhos pedirem?" (Mat. 7:9-11.)

Sabemos que Jesus tem um coração compassivo e sofre com nossas dores.

"Como se aproximasse da porta da cidade, eis que saía o entérro do filho único de uma viúva; e grande multidão da cidade ia com ela. Vendo-a o Senhor se compadeceu dela e lhe disse: Não chores!" (Luc. 7:12-13)

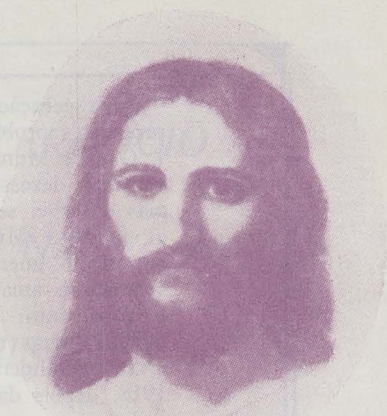
"Jesus, vendo-a chorar, e bem assim os judeus que a acompanhavam, agitou-se no espírito e comoveu-se... Jesus chorou." (João 11:33,35)


Construamos essa imagem: Jesus Cristo chorando pelas nossas dores. E, sempre que acharmos duro um mandamento do Senhor, evoquemos essa imagem e escutemos com que voz compassiva e terna ele nos diz: "para guardarmos os mandamentos do Senhor, e os seus estatutos, que hoje te ordeno para o teu bem."

Evoquemos ao nosso querido Salvador, sempre que nos fala, colocando Seu braço carinhoso sobre os nossos ombros, como o melhor amigo nosso.

Evoquemo-LO como nosso melhor amigo. Ele que foi e é o nosso melhor irmão. Aceitemos os Seus juízos como de Alguém que nos ama de verdade e que, para nos salvar, não titubeou em dar Sua própria vida. Um irmão assim não nos falaria com aspereza. Uma vez nos deu Sua vida. Hoje chora por nós...

Se tudo isso não nos comover, irmãos, é hora de começar a orar.





As Várias Formas de N A T A L

Elaine Cannon

A primeira forma de Natal é a mensagem de que todos amamos o Infante nascido em Belém. A segunda são os cânticos, os sinos e os hinos, anjos mensageiros de paz e alegria. A terceira são as personagens reais e imaginárias, as quais dão significado e colorido ao dia. A quarta são as festas, bastante alegria, quitutes à mesa e convidados à porta. A quinta é o gênio criador de toda a família, decorando as paredes com ornamentos balouçantes. A sexta maneira de Natal são os costumes e as tradições, desde a árvore iluminada, até a estrela que todos nós imaginamos. A sétima são presentes em alegres pacotes. A oitava é dar, de um modo muito especial. A nona é receber graciosamente e retribuir com entusiasmo os cumprimentos de todos. A décima maneira de Natal são as histórias que todos nós contamos. A décima primeira maneira de Natal é poesia, recordando versos de cartões natalinos e alegres saudações. A décima segunda maneira de Natal é o Espírito que sentimos, de alegria, esperança e confiança em Cristo — o Príncipe da Paz.



Juventude da Promessa

Poderá haver guerra entre o seu país e o meu. Entre você e eu deverá haver paz

É sabido que o maior de todos os milagres foi a mudança ocorrida na vida daqueles que foram tocados por Jesus. Pense em Pedro, Paulo, Madalena, muitos outros. Esta é uma extensão de que milagre? Ou ainda, o maior dos milagres? Aquêles que foram transformados pela mão do Mestre, poderão eles próprios transmitir êsse maravilhoso privilégio aos outros? Há mensagens cheias de beleza a serem apreendidas, importantes sentimentos a serem experimentados, presentes escolhidos para serem dados em nome de Cristo.

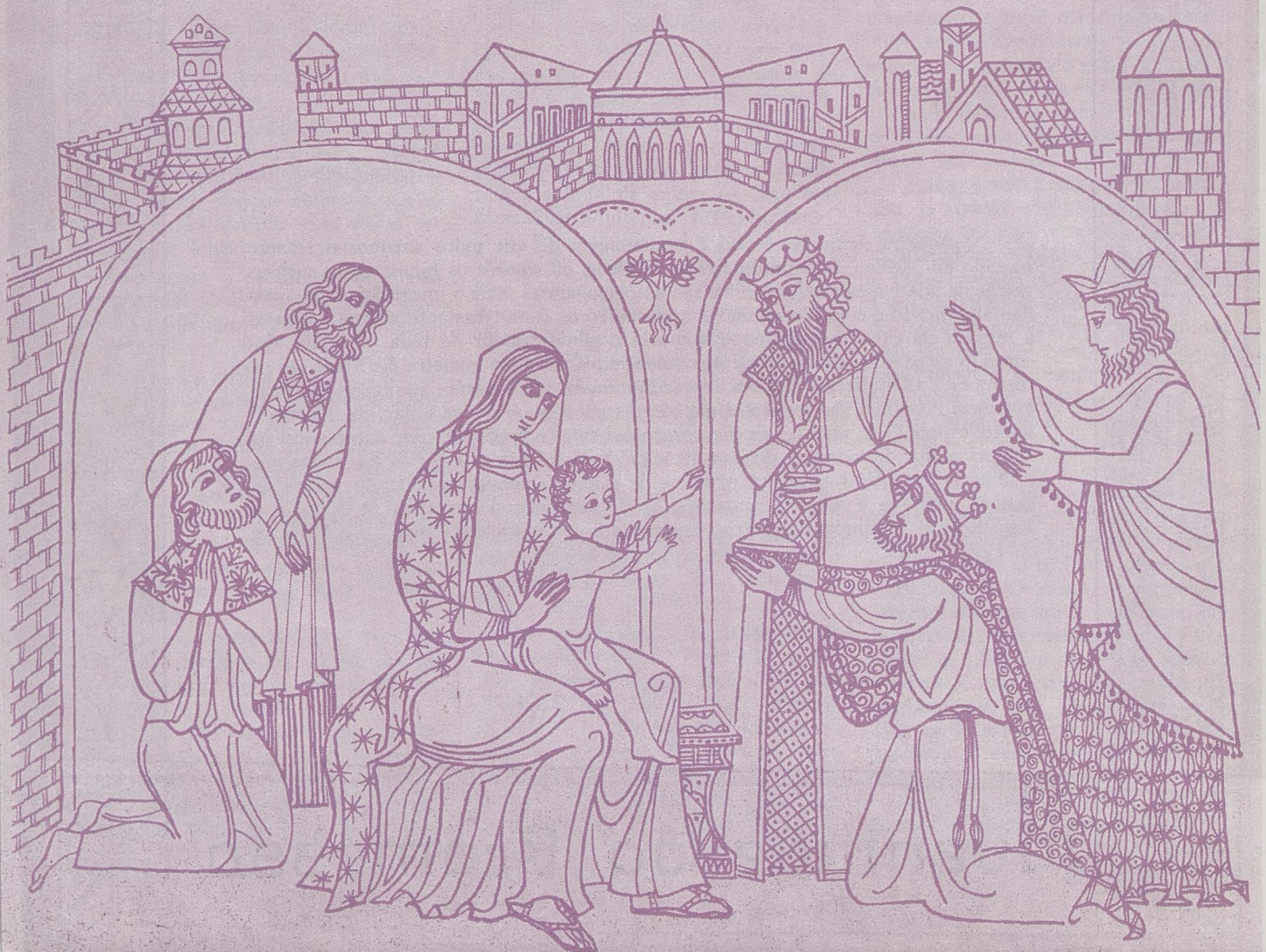
Kogawa



Do pedinte tinha-se piedade e era-lhe permitido esmolar. Êle nunca havia andado. Sempre fôra coxo. Todo dia era carregado ao portão do templo, onde suplicava esmolas a todos que entravam no lugar sagrado. Um dia, logo depois da morte e ressurreição de Jesus e da gloriosa manifestação do Espírito de Pentecostes, Pedro e João, no seu caminho para o templo, passaram pelo aleijado. Êle pediu-lhes dinheiro. Pedro olhou-o com amor e compaixão e o homem, vendo isto, esperou por uma esmola generosa. Pedro disse-lhe: "Olhe-nos. Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, te dou; em nome de Jesus Cristo de Nazaré, levanta-te e anda." Então, tomou-lhe a mão direita e levantou-o. Êle permaneceu em pé e andou e entrou com êles no templo, caminhando e louvando a Deus.

Há presentes que podemos oferecer, através de Jesus e de sua força, maravilhosos presentes de força espiritual, simpatia e amor... o menor dêles é estender nossa mão a nosso irmão e levantá-lo.

Marion D. Hanks



Natal é Música

Natal significa música! E a música natalina tem milhares de vozes. Você já as ouviu? Você já se associou àquêles que fazem o Natal mais feliz, mais alegre, mais santo, pela magia da música? Música de Natal é para ser cantada, tocada e, algumas vezes, para ser ouvida atenta e significativamente. Como são essas músicas? Eu lembro-me de algumas e você? Lembro-me de haver cantado "Longe, na mangedoura", com outras crianças de minha idade, num programa de Natal da Escola Dominical e, apesar do acanhamento de estar em frente de toda congregação, as palavras "Adormecido, adormecido, adormecido, adormecido, adormecido o Salvador na mangedoura, adormecido, adormecido, adormecido, adormecido, adormecido o Senhor de todos" deram-me um de meus primeiros, vívidos e permanentes reconhecimentos de Jesus, como Senhor e Salvador. Lembro-me haver cantado com colegas do côro ginásial, circulando pela cidade num velho ônibus escolar. Esta participação deu um brilho novo ao Natal. Recordo o espírito natalino a atuar na orquestra do ginásio, na obra-prima de Handel, "O Messias", com sua monumental adoração do "Senhor dos Senhores" e "Rei dos Reis". E houve o Natal durante a guerra, no verde, agradável Havai, cantando velhas canções

com outros camaradas, canções essas que trouxeram até nós o espírito natalino. E outra lembrança contrastante, de anos mais tarde, quando o bimbalar de sinos de um campanário espalhou-se por sobre um vale silencioso e coberto de neve. Tenho, também, nostálgicas recordações de amigos e da família, reunidos ao pé do piano ou da lareira, cantando santos hinos na Véspera de Natal.

A música de Natal a qualquer tempo, quer cantemos, toquemos ou ouçamos com corações em harmonia, tem a força de alcançar nossas almas e nos comunicar de maneira muito especial a maravilha e veracidade do nascimento de Jesus, que é nosso Salvador. Quando penso com que força a música de Natal nos toca, imagino que talvez nosso Pai Celestial sentisse o mesmo quando enviou aos humildes pastores do primeiro Natal, um côro de anjos, para tocá-los como só a música o faz, como a hoste celestial anunciada, que deve ter sido de indescritível beleza: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens!"

Daquela época até agora, Natal significa música. Os jovens SUD encontrarão alegria e significação no Natal, sendo a música uma parte integrante dessa feliz época para todos nós.

Crawford Gates

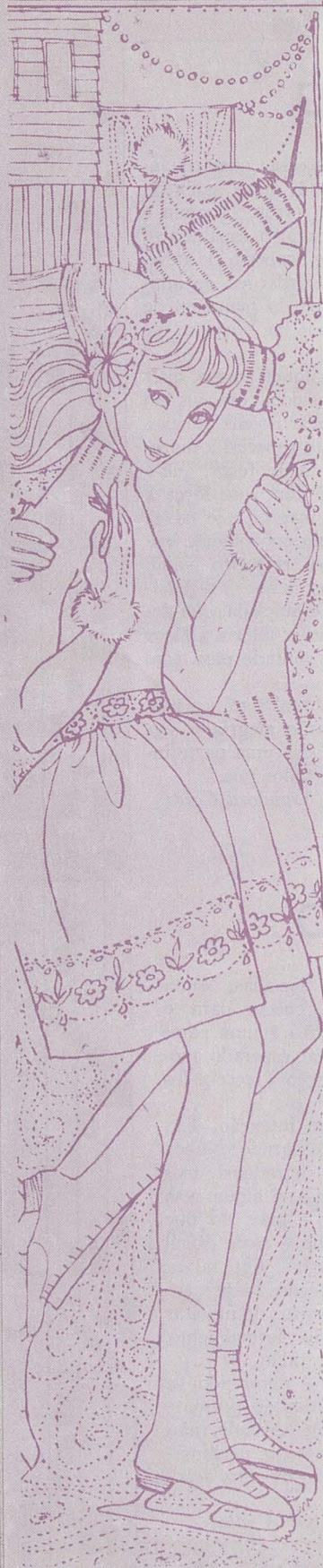
Natal é Doação

Não poderia ser Natal sem a expectativa, a exasperante espera, a contagem dos dias. Muita gente diz que começamos muito cedo, trabalhamos demais, preparamos muitas coisas para o Natal, e não há dúvida que algumas vezes assim o é, mas certamente a antecipação é uma parte significativa desta alegre época. Não poderia ser Natal sem o entusiasmo do tão esperado momento quando os presentes são dados, os pacotes desembulhados (e oh, que bênção é recebê-los um e todos, grandes e pequenos, com um terno e compreensivo coração.)

Mas sempre no Natal — é triste dizê-lo, alguns corações são magoados sem intenção. Ensombece o dia daquêles que nos dão presentes saber que a sua escolha não foi de agrado. Nunca deveríamos dizer estas palavras, claro, mas as intenções demonstram. "Isto é agradável, mas (não é meu número, côr ou tamanho) vou trocá-lo". Isto é excêntrico, mas arranjarei algum uso para êle, espero." "Isto é menos do que dei a êle. Creio que é pobre." "Isto é mais do que esperei; estou embaraçada; tenho de verificar um meio de pagar-lhe." Para alguns é mais difícil receber do que dar. Isto acontece porque êles colocam muito alto a independência. Ou talvez não tenham ainda aprendido a feliz arte da aceitação; de apreciação do presenteado ao presenteador e ao presente; de fingir, se necessário, para evitar empanar o brilho do momento; de mostrar seu contentamento pelo uso do objeto recebido; de expressar agradecimento, não formalmente, como um dever a ser cumprido, mas lembrando sempre de expressar contínua gratidão.

O recebimento coroa o oferecimento e o esplendor do mais fino presente é diminuído se recebido de uma forma que coloca sombra na generosidade do presenteador. O valor do presente mais humilde é realçado, se recebido com sincera felicidade e agradecimento. De verdade, não poderia ser Natal sem os presentes e os oferecimentos, pois êles simbolizam o presente inestimável de nosso Salvador para nós. E se o presente for grande ou pequeno, um objeto ou uma ação, deve ser oferecido com amor e recebido com muita alegria.

Angelyn Wadley



Natal é Estória

Uma ostra no seu guisado

As luzes vermelhas e verdes ao redor do tablado lançavam reflexos coloridos no gelo e a grande árvore de Natal ao lado da lareira tilintava com uma centena de sons. Que boa coisa seria se Luís sentisse o mesmo espírito que ela possuía e irradiava! Mas quando estavam seguindo próximos à barra de proteção, o braço de Luís enlaçou sua cintura. Se ao menos êle a puxasse um pouco mais para perto de si para que ela pudesse sentir que estavam juntos na mesma pista de gelo! Oh, porque tinha ela que passar por uma garôta acanhada? Mas, qual, já era maravilhoso sair com êle, êsse frio Luís que marcava encontros de seis em seis meses, enquanto metade das garôtas da escola se perguntavam porque seus ardis não estavam funcionando. Ela quase ficou em pânico quando êle lhe telefonou. E não o teria feito se não fôsse por seus amigos, pois os mesmos os colocaram juntos neste Natal, patinando e, praticamente discaram o número de seu telefone para que êle conseguisse um compromisso. Nesse momento, ali estavam êles, Luís agindo com embaraço e acanhamento, porque não era o maior patinador do mundo. Mas para Judy êle era tudo que importava. Como poderia ela dizer-lhe que o achava formidável, que não se importava que os outros patinassem tão bem e êle não? Encaminharam-se novamente em direção à barra de proteção, Luís estava distante, tanto em espírito quanto em presença. A noite estava sendo horrorosa. Então Judy lembrou-se. Amanhã seria véspera de Natal. Havia a festa da família para convidados especiais, somente. E não havia nenhum mais especial que Luís. Porque não convidá-lo? Claro, antes êle nunca a havia convidado para sair, mas, também, não havia convidado ninguém mais. Êle havia passado em frente à sua casa uma ou duas vezes e parado para conversar com ela no vestibulo. Bem, porque não convidá-lo? O que perderia com isso? As coisas não poderiam tornar-se piores se êle dissesse não.

— Ah, Luís, ela começou, minha família... bem, tôda véspera de Natal nós fazemos... quer dizer, bem... há uma festa. Todo mundo, a família de mamãe, tios e primos participam e temos um guisado de ostras.

Luís olhou-a de cima a baixo e ela sentiu-se diminuir. Judy sabia que êle nunca iria. Isto poderia assustá-lo. Mas ela já havia começado a falar e continuou:

— Eu sei que você deve julgar um guisado de ostras uma coisa horrível, mas, na realidade, não é. Não pense que são umas coisas acinzentadas. Mamãe fritá-as bem e depois elas se transformam num caldo apetitoso. Os meninos arrumam o queijo e as bolachas nos pratos e os menores colocam um disco na vitrola; nós todos cantamos hinos e, bem... eu gostaria de saber se você gostaria de vir.

Os olhos castanhos de Luís encontraram-se com os seus olhos azuis e êle pareceu-lhe um pouco diferente. Súbitamente êle sorriu e os seus olhos dançaram.

— Você quer dizer que me convida para a festa de sua família, Judy? (Desejar que êle fôsse!)

— Você até poderia comer um guisado sem ostras, ela prometeu.

— Eu nunca provei ostras, disse Luís mas minha família faz êsse mesmo tipo de comida em quatro de julho — um verdadeiro bolo de mariscos. E se eu posso comer mariscos, menina, traga-me as ostras!

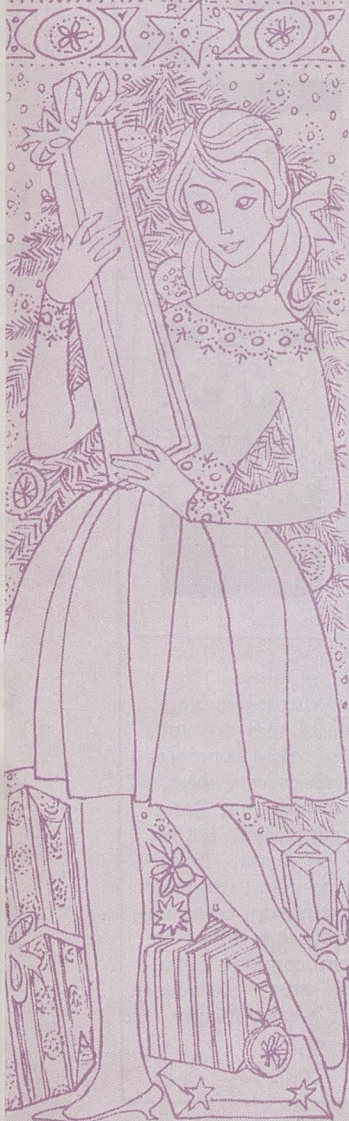
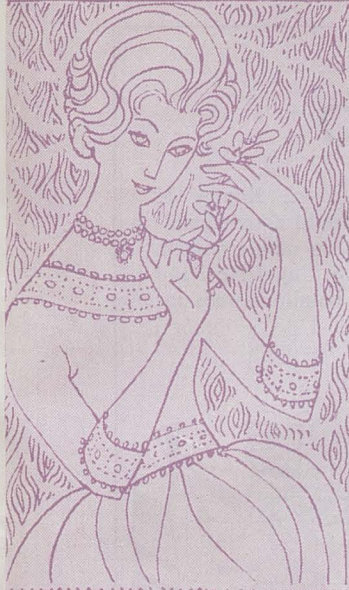
Êle fez uma pausa e acrescentou:

— Além disso, a companhia ajuda!...

De repente, êle apertou o seu braço e guiou-a de volta ao círculo de patinadores. O coração de Judy vibrou com a atmosfera de Natal... as luzes, a árvore, o sol, as canções no auto-falante, o ar — e êsse novo sorriso de Luís. Feliz Natal a todos, de verdade!... Ela aninhou a cabeça no ombro de Luís e pensou:

— Que agradável ser uma ostra no seu guisado!

Emma Lou W. Tahyne



Natal é Poesia

NATAL

Olavo Bilac

Jesus nasceu! Na abobada infinita
Soam cânticos vivos de alegria;
E tôda a vida universal palpita
Dentro daquela pobre estrebaria...

Não houve sêdas, nem cetins, nem rendas
No berço humilde em que nasceu Jesus...
Mas os pobres trouxeram oferendas
Para quem tinha de morrer na Cruz.

Sôbre a palha, risonho e iluminado
Pelo luar dos olhos de Maria,
Vêde o Menino-Deus, que está cercado
Dos animais da pobre estrebaria.

Não nasceu entre pompas reluzentes;
Na humildade e na paz dêste lugar,
Assim que abriu os olhos inocentes,
Foi para os pobres seu primeiro olhar.

No entanto, os reis da terra, pecadores,
Segundo a estrêla que ao presepe os guia,
Vêm cobrir de perfumes e de flôres
O chão daquela pobre estrebaria.

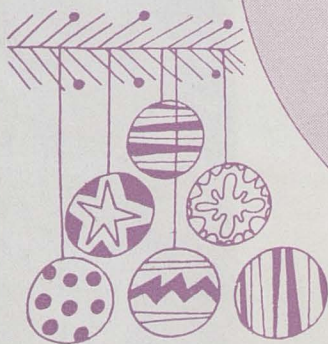
Sobem hinos de amor ao céu profundo:
Homens, Jesus nasceu! Natal! Natal!
Sôbre esta palha está quem salva o mundo
Quem ama os fracos, quem perdoa o Mal!

Natal! Natal! Em tôda a Natureza
Há sorrisos e cantos, neste dia...
Salve, Deus da Humildade e da Pobreza,
Nascido numa pobre estrebaria!

Natal é Criação

Ajude os mais novos a decorar a árvore de Natal. Prenda fitas de veludo e jóias semi-preciosas em grandes bolas de esopor. Faça originais botas de Natal para todos os membros da família... de feltro ou flanela, marcando os respectivos nomes.

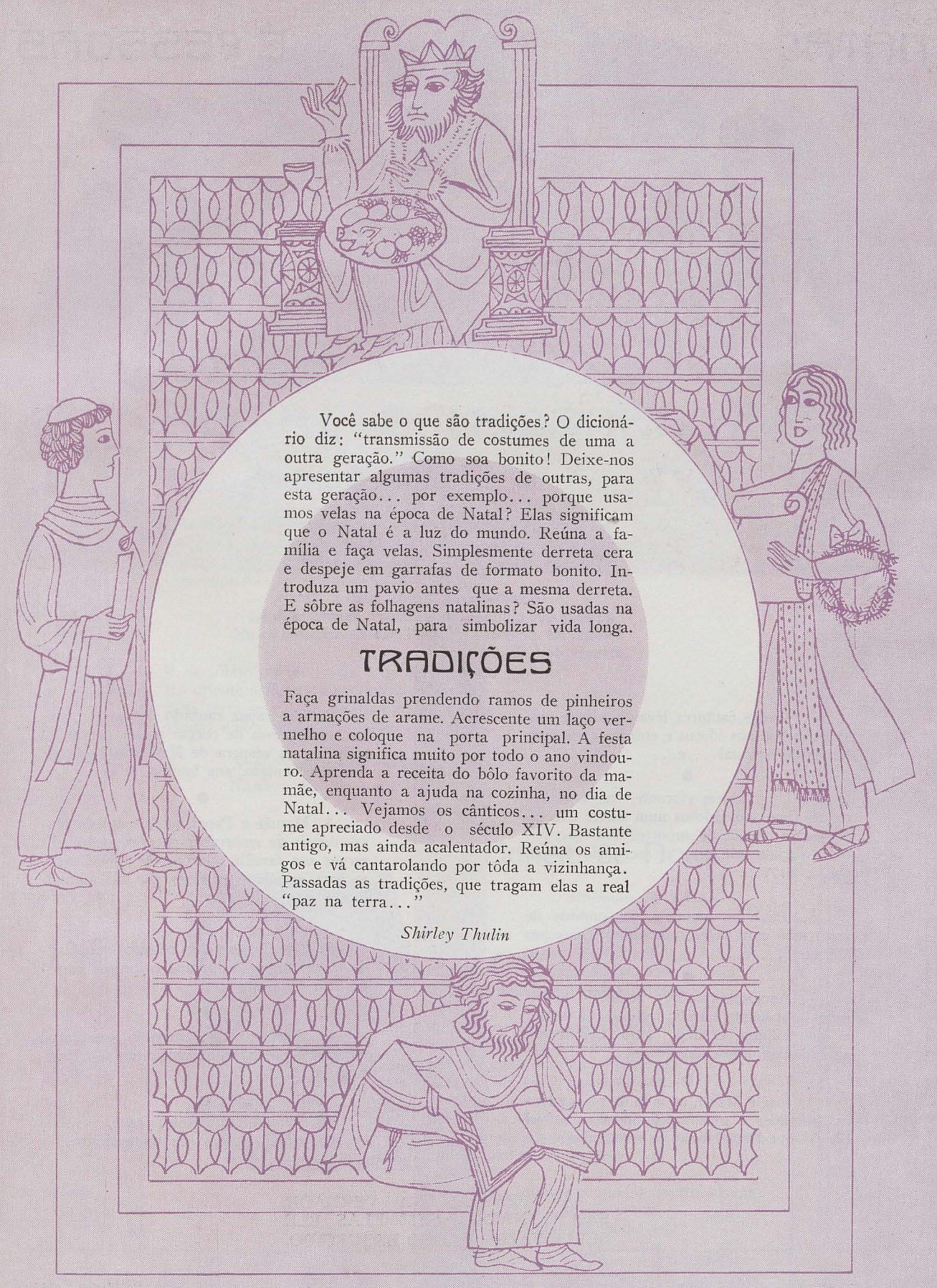
Faça o adorno da porta. Ramos de pinheiro, pintados de dourado assemelham-se a azevinho. Uma cesta ou uma trombeta de brinquedo, um capuz de Papai Noel são festivos para os arranjos natalinos mais informais.



Dê um toque pessoal aos presentes que oferece. Pregue contas decorativas nas luvas para a mamãe. Para as colegas de escola, ofereça vidros de champú decorados por você mesma. Desenhe as iniciais da pessoa a ser presenteadas, ou se você tiver jeito, pinte flôres. Coloque os biscoitos que assou para a vovó numa caixa decorada com motivos bem alegres. Cole figuras de pinheiros e nozes na tampa, dissolva purpurina dourada com extrato de banana e pincele as figuras.

Faça seus próprios cartões de Natal. Tire novas idéias de cartões dos anos anteriores ou idealize algo bem seu. Faça estencil, imprima-os você mesmo ou leve-os a uma impressora. Desenhe, pinte, use cola, feltro, botões, purpurina e discos de metal. Transforme bonitos laços em originais árvores de Natal, pequenas casas ou duendes. Faça guarda-chuvinhas de chocolate para serem comidos e cartões próprios para serem enviados.

Carolyn Nelson



Você sabe o que são tradições? O dicionário diz: "transmissão de costumes de uma a outra geração." Como soa bonito! Deixe-nos apresentar algumas tradições de outras, para esta geração... por exemplo... porque usamos velas na época de Natal? Elas significam que o Natal é a luz do mundo. Reúna a família e faça velas. Simplesmente derreta cera e despeje em garrafas de formato bonito. Introduza um pavio antes que a mesma derreta. E sôbre as folhagens natalinas? São usadas na época de Natal, para simbolizar vida longa.

TRADIÇÕES

Faça grinaldas prendendo ramos de pinheiros a armações de arame. Acrescente um laço vermelho e coloque na porta principal. A festa natalina significa muito por todo o ano vindouro. Aprenda a receita do bôlo favorito da mãe, enquanto a ajuda na cozinha, no dia de Natal... Vejamos os cânticos... um costume apreciado desde o século XIV. Bastante antigo, mas ainda acalentador. Reúna os amigos e vá cantarolando por tôda a vizinhança. Passadas as tradições, que tragam elas a real "paz na terra..."

Shirley Thulin



As velhas e as jovens, reais e irreais,
aquelas que ainda estão conosco e as que já se
foram. As pessoas de Natal são as mesmas
através de tôdas as idades.

1. Jovens cantores levando alegre música natalina aos idosos e enfêrmos em suas camas de hospital... e...

3. Uma jovem vibrante, dando os retoques finais cuidadosos num sueter tricotado para a mamãe ou suportes de livros, feitos especialmente para o escritório do papai... e...

5. Paulinho montado nos ombros de seu irmão mais velho, saudando "Deus nos abençoe"... e...

7. Anciosos pastôres, seguindo apressados a brilhante estrêla, receosos de perder a maravilhosa criança, cujo nascimento aguardavam impacientemente.

9. José e Maria, ao lado da mangedoura, humildes e gratos pela incomensurável bênção que Deus trouxe às suas vidas.

2. Um rapaz cansado de fazer entregas, com pressa de chegar ao lar depois do trabalho, na véspera de Natal, para encontrar seus amigos, sua família... e...

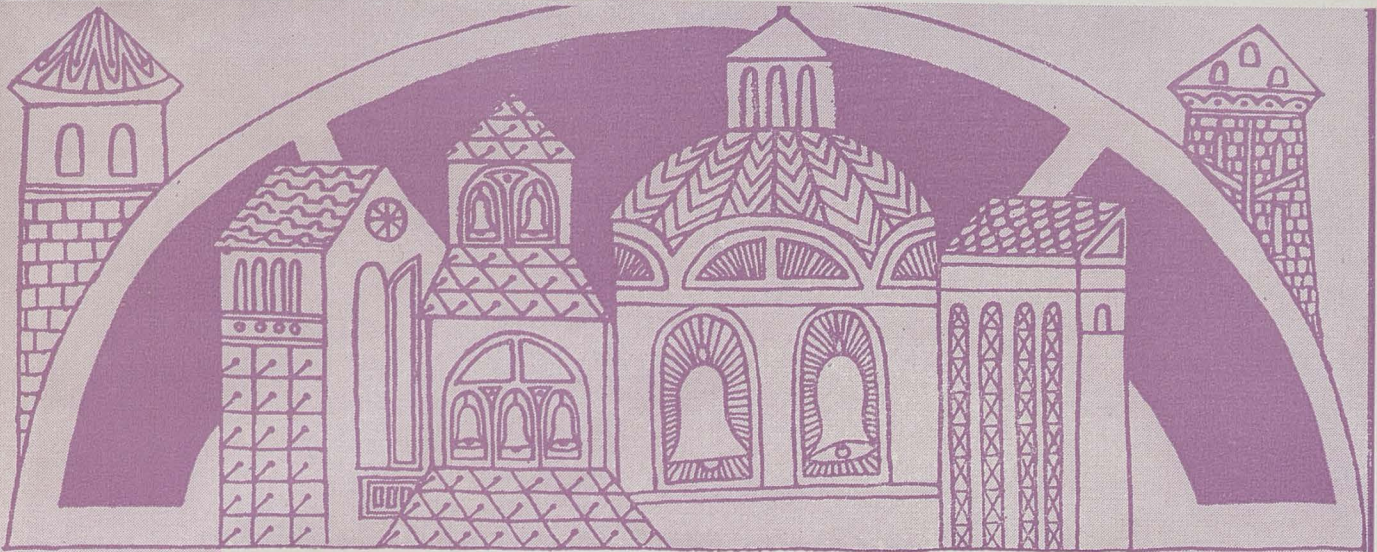
4. Mamãe e Papai, na véspera de Natal, depois de embrulhar os presentes e observar sua família adormecida, ajoelham-se para agradecer a Deus por tão maravilhosos filhos...

6. Um glorioso côro celestial anunciando maravilhosas novas aos surpêros pastôres nos campos.

8. Solenes sábios trazendo seus raros e custosos presentes ao recém-nascido Príncipe da Paz.

10. O notável infante, Jesus, envolvido em panos, deitado na mangedoura.

AS PESSOAS NA VERDADE,
SÃO O NATAL. SEM ELAS FÔLE
SERIA VAZIO E LOGO ESQUECIDO.



NATAL É LEMBRANÇAS

Primeiro Natal

Quando o anjo proclamou o primeiro Natal
Dirigiu-se aos pastores ao pé de Belém,
Lá nos campos a guardar seus rebanhos do mal
Contemplando as estrélas distante no além...

Noel, Noel, Noel, Noel,
Nasce o Rei de Israel.

E de súbito no céu, linda estréla surgiu
No oriente brilhou com estranho fulgor
E na terra sem rival, jubilosa luziu
Muitas noites ainda em grande esplendor...

Noel, Noel, Noel, Noel,
Nasce o Rei de Israel.

Soneto de Natal

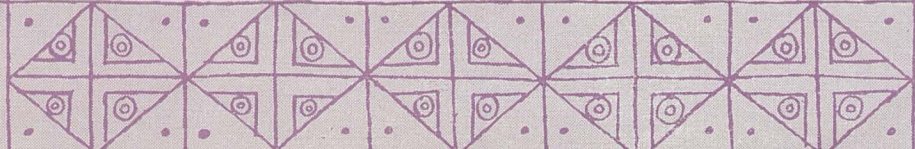
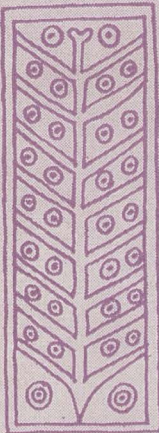
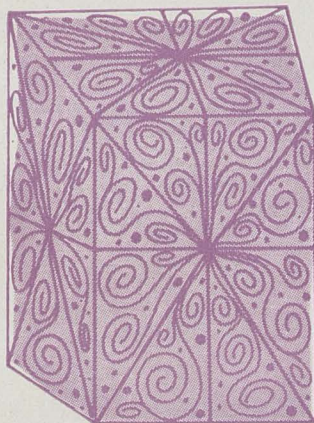
Machado de Assis

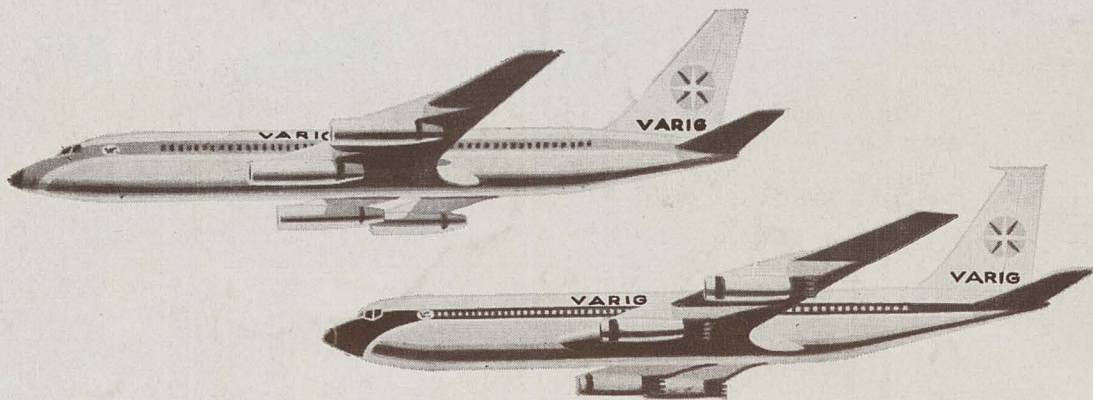
Um homem — era aquela noite amiga,
Noite cristã, berço do Nazareno, —
Ao lembrar os dias de pequeno,
E a viva dança, e a lépida cantiga,

Quis transportar ao verso doce e ameno
As sensações da sua idade antiga,
Naquela mesma velha noite amiga.
Noite cristã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A fôlha branca
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca,
A pena não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro adverso,
Só lhe saiu êste pequeno verso:
"Mudaria o Natal ou mudei eu?"





UTAH POR QUATRO DIFERENTES ROTAS...

VARIG SERVINDO OS ESTADOS UNIDOS POR QUATRO DIFERENTES ROTAS. PARA LOS ÁNGELES, MIAMI E NOVA YORK – COM OU SEM ESCALAS – A VARIG TEM SEMPRE UM JATO PARA LEVÁ-LO A QUALQUER UMA DESTAS CIDADES. ATRAVÉS DO BOEING 707 OU DO CONVAIR 990A, O SR. ENCONTRARÁ IMEDIATAS CONEXÕES PARA UTAH OU PARA QUALQUER OUTRA LOCALIDADE DOS ESTADOS UNIDOS. RÊDE AÉREA INTERNACIONAL

VARIG

COOPERE COM O ESFORÇO DO GOVERNO POUPIANDO DIVISAS, VIAJE PARA O EXTERIOR PELA VARIG – A PIONEIRA.

